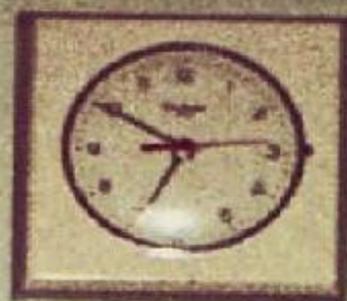


69 instante



Ariana Harwicz

Morra, amor

Romance



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: lelivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





Ariana Harwicz

**Morra,
amor** Romance

TRADUÇÃO
Francesca Angiolillo

6,9 instante



Eu me reclinei na grama entre árvores caídas e o sol que aquece a palma da minha mão me deu a impressão de ter uma faca com a qual ia me esvaír em sangue com um corte ágil na jugular. Ao fundo, no cenário de uma casa entre decadente e familiar, podia sentir as vozes do meu filho e do meu marido. Os dois nus. Os dois chapinhando na piscina de plástico azul, com água a trinta e cinco graus. Era um domingo véspera de feriado. Estava a poucos passos deles, escondida entre as ervas daninhas. Eu os espiava. Como é que eu, uma mulher fraca e malsã que sonha com uma faca na mão, era mãe e esposa desses dois indivíduos? O que fazer? Escondi o corpo afundando na terra. Não ia matá-los. Deixei cair a faca. Fui pendurar a roupa como se nada. Prendi bem as meias do meu bebê e do meu homem. As cuecas e as camisas. Eu me vi como uma caipira ignorante que pendura roupa e seca as mãos na saia antes de entrar na cozinha. Não notaram. Essa pendurada de roupas foi um sucesso. Voltei a me recostar entre os troncos. Já estão cortando madeira para a próxima estação. Os homens aqui se preparam para o inverno como os animais. Não nos distinguimos em nada uns dos outros. Eu mesma, letrada e formada na universidade, sou mais animal que essas raposas desenganadas com a cara tingida de vermelho e um pau atravessando a boca de par em par. A poucos quilômetros daqui, meu vizinho Frank, o primeiro de sete irmãos, meteu um tiro de espingarda na fuça no Natal passado. Uma linda surpresinha para sua tribo de filhos. O cara seguiu a tradição. Suicídio com espingarda pro tataravô, bisavô, avô e pai, no mínimo dava para achar que era a vez dele. E eu? Uma mulher normal, de família normal, mas uma excêntrica, perdida, mãe de um filho e com outro, quem sabe a esta altura, a caminho. Enfiei devagarinho a mão na calcinha. E pensar que sou a encarregada de zelar pela educação do meu filho. Meu marido me chama para umas cervejinhas no caramanchão, pergunta se escura ou clara. Parece que o bebê fez cocô e tenho que ir comprar o bolo do mesversário dele. Outras mães com certeza preparam elas mesmas o bolo. Seis meses, dizem que não é igual a cinco ou sete. Toda vez que olho pra ele me lembro do meu marido atrás de mim, quase gozando nas minhas costas, quando deu na telha dele me virar e entrar, no último segundo. Se não fosse esse gesto de me virar, se eu tivesse fechado

as pernas, se tivesse agarrado o pau dele, não teria que ir à padaria comprar o bolo de creme ou de chocolate e as velinhas, meio ano já. As outras um segundo depois de parirem dizem, já não imagino minha vida sem ele, é como se ele estivesse sempre estado comigo, pfff. Já vou, amor! Quero gritar, mas me afundo mais ainda na terra sulcada. Quero grunhir, berrar e, em vez disso, deixo que os mosquitos me piquem, que se deleitem com minha pele açucarada. O sol me devolve o reflexo prateado da faca na mão e me cega. O céu está vermelho, roxo, treme. Escuto me procurarem, o bebê cagado e o marido pelado. Ma-ma, ta-ta, ca-ca. É o meu bebê que fala, a noite toda. Co-co-na-na-ba-ba. Aí estão. Deixo a faca no capinzal queimado, espero que, quando a encontre, pareça um bisturi, uma caneta, um alfinete. Levanto abrasada e incomodada com o formigamento entre as pernas. Clara ou escura?; a que você preferir, amor. Somos desses casais que usam mecanicamente a palavra “amor” até quando se detestam; amor, não quero ver você nunca mais. Estou indo, e sou uma falsa mulher do campo com uma saia vermelha de bolinhas e o cabelo cheio de pontas. Clara, manda, digo com meu sotaque. E eu sou uma mulher largada que tem cáries e não lê mais. Leia, idiota, digo a mim mesma, leia uma frase inteira. Aqui estamos, os três juntos para uma foto de família. Brindamos pela felicidade do bebê e bebemos as cervejas, meu filho no cadeirão mastiga uma folha. Enfio a mão na sua boca e ele reclama, me morde com as gengivas. Meu marido quer plantar uma árvore para dar ao bebê uma longa vida e não sei o que dizer, sorrio feito uma pata. Será que ele percebe? Com tantas mulheres belas e saudáveis na região, ele foi se enroscar logo comigo. Um caso clínico. Uma estrangeira. Alguém que deveria ser classificada como incurável. Que dia úmido, hem? Parece que vai longe, diz ele. Bebo da garrafa em longos goles e inspiro pelo nariz, querendo estar, exatamente, morta.

Estou no quarto do menino iluminada por uma luzinha azul, vejo meu mamilo que o sacia a cada sugada. Meu marido, eu me acostumei a chamá-lo assim, fuma lá fora, consigo escutar o sopro da fumaça em um ritmo regular, fffff, fffff. O bebê engasga com meu leite e eu o inclino sobre mim para que arrote, esse ar que fica preso no estômago dele, ar do meu leite, ar do meu peito, ar de dentro de mim. Depois do arroto cai como um peso morto, as mãos penduradas, as pálpebras alargadas, a respiração pesada. Eu o deito abraçado à minha echarpe e, enquanto o enrolo, Isadora Duncan. Quem tem qual vida. Em que corpo você está. Deixo de escutar a fumaça entre os dentes do meu cômjuge. Jogo fora a fralda pesada. Caminho até o janelão, sempre finjo que o atravesso e me corto toda, sempre quero cruzar minha própria sombra. Quando estou a ponto de trombar, paro, abro. Do lado de fora meu marido dá uma mijada cor de mate, dá para ver as gotas quentes e amareladas desenhando uma cascata no piso da garagem. Ele se vira, sorri para mim com as mãos no sexo flácido respingando e apaga a bituca que tem na boca com sua cascata de xixi. Vamos ver as estrelas? Nunca soube lhe explicar que as estrelas não me interessam. Que o que tem no céu não me interessa. Que não estou nem aí pro telescópio que ele agora carrega com dificuldade para os fundos do terreno, quase na descida para o bosque. Não quero contá-las, descobrir suas formas, ver qual é a mais brilhante, saber por que se chamam Três Marias ou colar de pérolas ou panela com cabo comprido. Ele instala sua joia de três pernas. Meu marido é um cara entusiasta. Está vendo o colar de pérolas? Sim, querido. Olha esses pontos luminosos, cintilantes, você não tem vontade de comê-los com os olhos?, são tão pequeninos, e pensar que, na verdade, são massas enormes. Não, pensei, não gosto de distorções. Nem ópticas nem sonoras, nem sensoriais, nem olfativas, nem cerebrais, não gosto de objetos negros no céu. Elas me enchem de energia, diz. Olha essa constelação e tenta pular de uma estrela para outra como se fosse uma pontezinha de troncos que se mexem... e olha essa cara, parece um esqueleto! Sua exaltação me faz mal. Ele me enlaça pelo ombro. Faz meses que não nos abraçamos. Nem damos as mãos, empurramos o carrinho ou carregamos o bebê. Está vendo a Ursa Maior e a Ursa Menor? Sim, claro, digo e o abraço, mas meus olhos se

fixam no espaço sem estrelas, na ausência de luz. Diante do desafio do céu escuro que temos sobre nós, qualquer noite... Um cometa!, gritou e me soltou com a emoção. Não o vi passar. Tem que prestar atenção, só dá pra ver quando estão perto do sol, e por um curto período de tempo. Conseguiu ver seu percurso?, perguntou, chateado. Ato contínuo, acendeu um cigarro, a coisa é conseguir se orientar no céu. Olha esse grupo de estrelas, segue uma linha imaginária, está vendo?, não é mais difícil do que ler um mapa de estrada e seguir a linha tracejada para não cair no mar. Achei que o menino estava chorando, mas toda noite eu o ouço chorar e, quando chego perto, é o silêncio total, como se tivesse gravado um fragmento do seu choro e se reproduzisse sozinho. Mas às vezes não ouço nada. Estou sentada no sofá, a poucos metros do seu quarto, vendo um programa de troca de casais, babás perfeitas, ou pintando as unhas, quando meu querido aparece com o calção meio arriado e me diz: por que ele não para de chorar?, o que ele quer?, a mãe é você, tem que saber. Não sei o que ele quer, digo, não tenho a menor ideia... A lua não te relaxa? Chega perto da lente, olha hoje porque amanhã já vai ser outra, essas crateras cinza, tenho vontade de comer ou de fumar a lua! Olhei a lua, mas, na verdade, me lembrei do som do choro, meu corpo se apartando, impaciente para que ele pare de chorar. Os conselhos que aquela jovem assistente social em domicílio me deu quando minha sogra me ligou assustada: “Se o seu filho chorar a ponto de lhe tirar o juízo e você sentir que está a ponto de perder o controle, fuja. Entregue a criança a outra pessoa e vá para um lugar onde possa recuperar a razão e a calma. Se, por outro lado, estiver sozinha e não tiver como entregá-lo a outra pessoa, fuja do mesmo jeito. Deixe a cria num lugar seguro e se afaste uns metros. Deveriam existir por aqui essas benzedeiras, essas camponesas que, pelo mesmo valor, resolvem a indigestão do teu macho e o choro insistente do nenê. Eu teria gostado de estar na Apollo, você está me ouvindo?, ou em qualquer missão espacial... tá prestando atenção? Na Apollo, vendo a Terra ficando para trás... Shhh! Está chorando? Você ouviu mesmo ele chorar? Tô te falando da lua! A lua é como vocês, ela gosta de se esconder, diz, e eu penso nos passeios no colo horas e horas, com coreografias distintas, da agonia ao choro, do choro à agonia, penso nesse animal selvagem que é um filho, nisso de levar seu coração com o outro para sempre. Até que se encheu, fechou o telescópio e o levou para a garagem, para guardar com suas ferramentas, o trator do meu sogro e a canoa com seus remos. O bebezinho, como o chamam meus sogros, não estava chorando, o silêncio

no seu quarto era tal que tive que tocá-lo para ver se estava vivo. Então voltei para a sala com seu janelão, andei direto até o reflexo e, pouco antes de me atravessar, abri. Meu marido estava fumando outro cigarro, tinha aberto seu segundo maço enquanto xingava tanto a lua como a mim. Vi a fumaça envolvê-lo, e isso me intimidou. A coisa mais agressiva que me disse em sete anos foi “se mostra”. Eu disse para ele no primeiro mês de namoro “considere-se um homem morto”. Ficamos parados um ao lado do outro sobre a geada, a água da grama molhando a gente. Os pés aquosos. A terra revirada pelas toupeiras formava crateras. Ele não olhava mais para o alto, eu muito menos. Achei que um cometa tivesse passado por sobre nós, breve como tudo. Depois fomos dormir, cada um na sua cama. Já me acostumei a dormir sozinha nesta casa que antes era um curral, seja lá o que isso signifique. Qualquer coisa forma uma família, soltei, enquanto meus olhos se fechavam.

Quando meu marido viaja, a cada segundo de silêncio se segue uma horda de demônios que se infiltram em meu cérebro. Um rato salta sobre o teto transparente. O maluco parece que se diverte. A cada minuto vou ver se o bebê está respirando, eu o toco para ver se reage, eu o descubro, o troco de posição, o ilumino, o levanto, ainda estamos na fase da morte súbita. Depois me controlo, faço um sanduíche para mim e me largo na frente da televisão. Mas logo o ahhh ahhh de uma coruja, esse som genital, involuntário e erótico, me aterroriza. Desligo a televisão. Imagino os animais numa orgia, um cervo, um rato e um javali. Rio, mas imediatamente tenho medo dessa mistura da bicharia. Essas patas, asas, rabos e escamas enredadas em uma corrida de prazer. Como será que um javali ejacula? Volto a escutar o ahhh, ahhh, como um enforcamento, ahhh, ahhh, como um gargarejo rouco e felino saindo do bico curvo da coruja. Pelo janelão da sala vejo ao fundo o velho trailer. Não sei que mágica tem essa casa sobre rodas que mais de uma vez nos deixou na mão no meio da estrada. Está enferrujada, mas meu homem diz que ela ainda aguenta uns quilômetros e que nós três poderíamos ir até o mar. Tenho medo que capote e acabe com o bebê. Acabe com o bebê entre os dois. Entre as duas e as quatro da manhã vem o pior, depois acalma e preparo de novo alguma coisa para comer. Mas entre as duas e as quatro da manhã me dá vontade de me mexer. Vejo o ferrolho se abrir sozinho. Eu me vejo indo até o bosque e deixando o carrinho ir ladeira abaixo. Ahhh, ahhh, por sorte toca o telefone. Amor, onde você está? Duzentos e oitenta quilômetros ainda? Ah, e você comeu no McDonald's? E depois encheu o tanque? O.k., me liga na próxima parada. Beijo. Beijo. As ligaçõeszinhas da estrada interrompem minha maluquice. Vejo de novo se o bebê está dormindo. Arrumo seus bonecos por ordem de chegada. Meu querido cônjuge irá a um motel com a funcionária do *drive-thru*? Ando descalça pela casa. Folheio alguma coisa. Minha biblioteca está cheia de livros que comprei e não li na gravidez. De repente, não sou boa de cama, ele sabe, digo a mim mesma do nada. Por isso deve ter ido a um hotel de beira de estrada e paredes descascadas com a funcionária inculta que se mexe para cima aos pulos melhor que eu. Gosto de pensar em sexo, não de fazer. Sempre fui bem na teoria e reprovei na

prática, por isso não sei dirigir, mas sei de cabeça as leis de trânsito. Tento me concentrar na Virginia Woolf que meu homem me deu de presente, mas tenho leite demais. Por que ele dorme tanto? Por que não desperta? A morte de um filho é ficção científica. Vou lá vê-lo. Saio de casa, uma Ferrari vermelha passa em grande velocidade. Fico parada no portão com o celular na mão. Dizem que as ondas causam câncer. Minha mão está em estado terminal. Já deveria estar para me ligar, sempre liga quando chega na estação seguinte. Melissa, a moça solteira com dois filhos que mora ao lado, está com a janela aberta e a luz acesa. Parece que está chorando ou gemendo. Ela ganha a vida mostrando o traseiro, um homem em algum lugar inicia o *chat* “Ai, Senhor! Que delícia” e vai pagar mais para continuar vendo sua racha. Por que o telefone não toca? O cliente vai querer lambê-la, ela se besunta, o cara chupa o monitor lá no apartamento dele no centro da cidade. Olho para o cachorrinho vira-lata amarrado na frente da casa, ele põe a língua para fora. Tocou! Amor... Ooooi! Oiiiiiii! Você está tomando um café de máquina? O que você comeu? Bom, estou te esperando acordada, eu também, tchau. Beijo. Beijo. Pronto, ligou. Fiz a voz que devia. Perguntei as mesmas coisas de sempre, o que você comeu? Por que nós, mulheres, sempre perguntamos aos nossos maridos o que comeram? Que merda a gente quer saber quando perguntamos “o que você comeu?”, se eles treparam? Se são infelizes conosco? Se pensam em nos abandonar com a desculpa de sair para tomar um sorvete? Caminho desviando das urtigas e desço até o bosque. A certa altura aparece um cervo que fica me olhando de forma selvagem, como ninguém nunca me olhou. Gostaria de abraçá-lo, se fosse possível. Mais tarde li algumas páginas, depois da gravidez demoro cada vez mais para ler uma página e caio no sono. Mas o que foi esse suspiro entrecortado feito um suspirinho? A vizinha de cabelo pintado de vermelho mostrando a xana ou o cachorro no cio? Esperar meu cônjuge é um suplício. Deveria cozinhar alguma coisa para quando ele chegar, mas não sei. Sempre conta a mesma história. Aquela vez que meus sogros vieram passar o dia e preparei o almoço. O menu: bolinhos de arroz com arroz. E todo mundo ri de mim. Não todos, o bebê, não. Mas, antes de o bebê existir, todos. Morriam de rir. Às vezes eu queria que ele chorasse para eu me deitar na cama dele e esvaziar minhas tetas. Nos dias que passo sem meu marido fico agressiva. Implico com os fracos, como a enfermeira gorda que vem aplicar injeções de anticoagulante no doente que tenho por vizinho. A senhora chega no seu carrinho branco toda manhã às sete em

ponto. Nunca a vi fazer um gesto diferente sequer. Desliga o motor, desce do carro e caminha até a casa como só fazem os funcionários públicos ou as enfermeiras que atendem em domicílio em lugares perdidos como este. Hoje tirei o lixo bem nessa hora e olhei para ela com cara de nojo quando passei. Ela me cumprimentou como uma pessoa civilizada e rosnei para ela. Subi o tom dando uns passos na direção dela e me dispus a sair na mão. Ela se acovardou. Pobre da gorda, com certeza pensou que eu vinha de algum país em guerra. Eu estava despenteada, com uma camiseta do meu homem de quando ele jogava basquete que me deixava com um corpo que não é o meu. Com certeza ela pensou que eu ia arrancar os dentes dela com uma cabeçada. A medrosa entrou correndo na casa do doente, para esfregar álcool nele e lhe dar a injeção. Eu me faço de superior com as caixas do supermercado, os entregadores de pizza e as manicures. Grito com eles em público, gosto de fazer escândalos, rebaixá-los, mostrar quão medrosos eles são. Porque eles são mesmo uns panacas, como é que nenhum deles revidou? Como que nenhum deles telefona para que me deportem? É tão óbvio que eles é que têm razão, que quem procura confusão sou eu, que eles só estão fazendo seu trabalho e não perturbam ninguém. Nos dias em que meu marido viaja, ponho um bebê de plástico no banco de trás do carro bem na hora do calor. Eu me divirto vendo a quantidade de vizinhos e funcionários públicos que se assustam. Gosto de observar suas reações de bons cidadãos, de heróis querendo quebrar o vidro e salvar a criaturinha de morrer sufocada. Eu me deleito quando vejo o caminhão de bombeiros chegar ao vilarejo com a sirene ligada. Retardados. E, se eu quiser deixar meu bebê no carro debaixo de uma sensação térmica de quarenta graus, eu deixo. E não me venham com essa de que é ilegal. Se eu quiser escolher a ilegalidade, se eu quiser me tornar uma dessas tantas congeladoras de fetos, eu me torno. Se eu quiser ir para a cadeia por vinte anos, ou fugir, isso também é uma possibilidade. No outro dia a vizinhazinha loira estava dizendo para a enfermeira que no povoado, mas do outro lado do rio, um cara tinha *abusado sexualmente* de uma menina. A conversa seguiu seu rumo como se nada tivesse acontecido. Eu mesma poderia ter escolhido, para criar meu filho, esta fauna cheia de fãs de punk rock consumidores de ácido, com roxos aqui e ali produzidos por quedas acidentais e outros clichês de autodestruição. Digo, se o teu marido ou teu pai te bate, te assume. Tinha mais era que rugir para eles em vez de dar bom-dia. Depravados. O diz que diz ou, melhor dizendo, o solipsismo ao qual me

habituei de frutos. Escuto o motor do meu marido. Já para o portão e sorrindo. Aí está, o carro está entrando..., manobra desviando de uma pedra, eu vou de um lado para o outro, impaciente por ele sair e me beijar, por sentir o cheiro de tabaco no seu bigode. Nós nos beijamos. Como todos os esposos, sem língua. Entramos, ele solta a mala com os produtos que não vendeu e as amostras. Empilha melhor as caixinhas, mostra os maços de dez. Quatro mil em maços de dez, uau. Eu o ajudo a tirar a jaqueta. Esquento sua segunda refeição da noite no micro-ondas do qual saem faíscas. Deixo tempo demais, queimo a mão quando pego o prato. Sentamos à mesa. Olhamos um para o outro e conversamos, tudo entre aspas, isso não é nem se olhar nem conversar. Dali a pouco eu o vejo sair, dizendo que precisa ir lá fora mijar, quem pode mijar aqui dentro. Ele é viciado em ar livre, não sei qual é a dele com essa porra do céu. Ele gosta quando está azul e fica feliz quando não tem nuvens. Para mim dá na mesma estar do lado de fora ou trancada num baú. Finalmente o bebê me esvazia a teta direita e a esquerda. Meu marido vê desenhos animados para esvaziar a cabeça. Vou fazer um carinho nele e ele reclama porque interrompi seu bocejo. Depois apagamos uma a uma as luzes da nossa fazenda, que ainda cheira a couro. Estava em plena maratona masturbatória quando voltou o ahhh, ahhh e me desconcentrei ahhh. Saí para jogar uma água na cara e peguei ele animado também. Trocamos mal e mal um olhar, e cada um voltou para as suas coisas.

Minha última lembrança da gravidez é do Natal, com toda a família do meu marido presente, vinda de povoados ainda mais no meio do nada do que este. Meu estômago estava embrulhado, o bebê se mexia numa velocidade pouco normal, as pessoas torciam de dedos cruzados para não terem que sair correndo e poderem terminar de comer o peru com maçã. Eu estava na sala de estar em frente ao fogo, não me lembro de ter feito nada de estranho que delatasse meu desespero. Fazia tempo que eu continha tudo, pensei, em um progressivo porém sutil equilíbrio, quando, repentinamente, me disseram para sentar e tomar alguma coisa fresca. Não sei em que momento o desejo de morrer se vê ameaçado por sentar o rabo numa cadeira e tomar água. Obrigada, vovó, não se preocupe; mas mesmo assim me sentaram e mesmo assim me trouxeram um copo com aguinha fresca. Este grupo de gente que vive em volta de mim vai acabar me dando um ataque. Eu queria ter Egon Schiele, Lucien Freud e Francis Bacon como vizinhos, assim meu filho poderia crescer e se desenvolver intelectualmente vendo que o mundo em que o pus é um pouco mais interessante que só abrir claraboias através das quais nada se vê. Assim que os outros escapam para os quartos para se desopilarem, escuto meu sogro cortando a grama debaixo da neve com seu novo trator verde e penso que, se pudesse linchar toda a minha família para ficar a sós por um minuto com Glenn Gould, eu o faria. Depois o vi sentado na escrivaninha conferindo os cupons das compras de supermercado do mês. Releu o preço de cada produto e verificou na calculadora se estavam certos. Quando terminou de fazer suas contas no caderno de gastos mensais, o abajur já não lhe servia de nada. Jantamos todos juntos outra vez, agora me lembro de ter visto à contraluz a imagem cansada de um homem normal que se sentia excepcional; depois lavou a dentadura e foi se deitar. E isso é um dia vivido? Isso é um ser humano vivendo um dia da sua vida? No quarto dele há um rifle e vários cartuchos na mesinha de cabeceira. Sempre digo que não vou me deixar matar na cama. Se escutar um barulho, armo o fuzil e desço. Se derem uma de malvados, atiro. Nos pés, dizia, sugando a saliva que sempre ficava presa. Minha sogra me olhou o dia inteiro com ar aflito. Já não sabia o que fazer por mim quando bateu na porta de madrugada e entrou tímida, com outro copo d'água e um comprimidinho

verde e branco. Obrigada, disse, e assim que ela saiu o atirei no fogo. Não gosto de efeitos colaterais. Não gosto da antidepressão. A única coisa que eu podia fazer nesses casos era abraçar a barriga e esperar. O bebê dormia lá dentro, envolto em tripas, alheio a mim. Ele tampouco me ajudava nesses dias. Nem bem o ritual de erguer as taças e desejar bons votos terminou, tratei de fugir da vista do meu marido, que já estava jogando dardos num alvo no terraço. Cada vez que errava ele dizia uuuuh! Depois de atravessar aquele salão de papéis de presente, lacinhos e escumadeiras, me aproximei da pilha de roupa para o neném, mas não cheguei a guardar nada. Em vez disso, andei até o bosque, esgotada por causa das contrações. Agora a dor volta e salta sobre mim como um cão. As perguntas daquele Natal me perfuram com mais força do que os tiros dos caçadores. Andou olhando ofertas de trabalho? Vocês estão pensando em colocar o menino na creche? Estão conseguindo pagar os impostos? E a obra social? Precisam de ajuda? Já cheguei. Só em caso de emergência desço até aqui de noite. Como o meu sogro pode ter passado a tarde de um 24 de dezembro revisando seus cupons fiscais e ter um fuzil debaixo do travesseiro. Como pode minha sogra falar tão baixinho, andar com passos tão curtos, ser tão comportadinha e oferecer um Prozac a uma futura mãe. Como podem meu sogro e minha sogra dormir entre os mesmos lençóis, cobertor e colcha, entre as mesmas paredes forradas de papel por cinquenta anos. Meu marido deixou os dardos e saiu para me procurar no terreno arborizado. Avanço e entro no enxame de troncos e brotos. Sou uma, meu corpo são dois. Entre colunas de fumaça vejo um grupinho de marginais ciganos que acampa junto ao laguinho nevado com um trailer tão precário quanto o nosso. Vejo-os ali, fumando e rindo em outro idioma, sobre o orvalho congelado. De manhã, meus sogros vão reclamar das latas de cerveja e das seringas jogadas. Mais para lá estão as colmeias de vespas que produzem mel selvagem e um caminho que leva até a autoestrada. Depois do dilúvio saltam enormes quantidades de cogumelos que agora vejo apodrecer. Gostaria que a primeira palavra que meu filho dissesse fosse uma palavra bela. Que diga magnólia, que diga piedade, não mamãe ou papai, não água. Que diga devaneio. Meu marido me encontrou pulando uma poça. Fiquei com vergonha, disse que estava ótima e voltei num galope para o lar.

Minha primeira lembrança com o bebê fora de mim é no alpendre da minha casa. Cai a noite e começam o declínio, a agitação, um estado alterado. Tenho medo do mal que isso possa fazer ao recém-nascido e por isso fico na cadeira de vime contando vaga-lumes ou a quantidade de vezes que se escuta o grito de algum animal. Sem ir me sentar à mesa quando me chamam para comer, ainda os restos dos festejos natalinos, nem diante da lareira quando a família se reúne como agora. Escuto os garfos entrando nas bocas, escuto-os engolir enquanto vou perdendo a cabeça, mas nem mesmo sei se é assim. Ninguém sabe. Nem eu, nem meu homem, menos ainda um médico. Minha sogra é viciada, espirro e ela já quer chamar um. Adora, idolatra um médico. Acho que ela diz médico e fica molhada. Não sei o que ela acha que dê para fazer diante de um pâncreas destruído. Minha cabeça se achata, se perde à margem. Quando me dignar a entrar, a comida estará fria em cima da bancada e haverá um bilhete à mão “Bom jantar, te amo”. No fim da noite é tanta a raiva que tenho acumulada que poderia beber até ter uma parada cardíaca. Isso é o que eu me digo, mas não é verdade. Não conseguiria enxugar nem meia garrafa. Isto são os meus dias, um aperto contínuo. Uma lenta perdição. Agora minha sogra está servindo a sobremesa, a colher raspa o fundo da tigela. Peras ao conhaque, ou ao chocolate. As pessoas já não se perguntam por que eu não me sento com elas. Por que já não divido nem a cama, nem a mesa, nem o banheiro. Às vezes saio para dar uns chutes para o alto e, ainda que descobrisse que meus sogros me espiam pela janela, continuaria. Já contei três vaga-lumes, e deve haver mais. Aqui fora eu percebo e por isso não entro. A morte está presente no fogo, no tapete, nas cortinas, no ar viciado dos móveis do campo e na louça metalizada. No vaso sem flores. A morte transpira dos guarda-chuvas empilhados perto da porta. Eu me deito e levanto tantas vezes que já não sei quando foi cada uma. O bebê é tão pequenino que se perde entre os lençóis, como um peixe diminuto. Todos vão vestir preto, inclusive as crianças. Esta noite me assusta, poria Glenn Gould de fundo, mas música clássica faz meu marido dormir, acaba comigo, amor, ele diz. Que o meu sogro tenha morrido dormindo não fez mais do que piorar minha sorte. Sinto este céu como uma cortina de veludo que não me deixa ver.

Tento milhares de vezes e a cada vez se fecha mais. E sua última frase antes de ir se deitar, “meu neto seguirá meus passos”, de rasteiro espírito épico, também não ajuda muito, diga-se. Diante do túmulo vi com extrema nitidez sua dentadura. Sempre lhe doía, ou ele a limpava com uma escovinha enquanto falava com a gente. Uns poucos choramingavam atrás. Outros se sentiam na obrigação de guardar uma distância prudente da cova. Aí está. Já é um homem que se foi. Pronto. Como um cavalo por um vilarejo, onde ninguém se lembra do retumbar do animal. Abraço meu homem enquanto o bebê recém-nascido sorri para os túmulos. Pensei na minha sogra enquanto abria a casa para arejá-la. Arrancando os óculos. Sentindo o cheiro do seu querido no encosto da cadeira de balanço onde ele cochilava. Minha sogrinha. Cozinhando de agora em diante nas mesmas panelas onde antes lhe fazia seus ovos fritos e sua aveia. Dando as meias do marido para os vizinhos que têm o pé do tamanho do dele. Enquanto baixam o caixão eu a vejo ir do banheiro para a cama, ouço-a falar, tossir, roncar. Sua camisola deixa ver seus mamilos azul-marinho, escuros, seus tornozelos grossos. Minha sogra com a mão na boca, abraçada ao urinol que o marido usava. E depois minha sogra em câmera lenta, uma velha agitada ao abrir uma porta de correr ou a fechar uma claraboia. Ela conta para a família que, antes de morrer, seu amor segurou seu punho com força, mas que depois o médico lhe disse que foi só um reflexo. Foi assim que me senti próxima dela pela primeira vez.

agora eu falo como ele. Sendo ele, penso nela e minha boca seca. Não sei o que ela faz largada feito uma presa entre a grama densa e leve, de barriga para cima. Está com a mesma camiseta de ontem. Rosa, sem mangas. A mesma calça preta da semana passada. Vê tudo. Já conheço o guarda-roupa dela todo, diz. Calça galochas mesmo que não chova. Usa umas saias rodadas que lhe desenham um quadril que depois, com o short jeans, se vê que ela não tem. Prende o cabelo num coque com um ar de falsa bailarina clássica prestes a sair de cena. Conheço suas posições, senta-se curvada, com a cabeça caída entre as pernas. Ou se deita, como agora, e parece que alguém a deixou largada por aí. Come com a mão, direto da travessa, mas isso quando está sozinha. Usa lenços amarrados no pescoço, parece uma birmanesa. Deixa a alça do sutiã aparecendo. Não posso sentir seu cheiro nem saber se respira agitada. Não sei como é tocar suas costas. Não tenho detalhes. A vez que estive mais perto dela foi quando cheguei com a moto perto do portão, mas o motor a assustou e acelerei. Terá olhado para mim, será que pensa em mim? Os olhos são o que mais me intriga. Não saber bem que olhos tem, diria que são cinza, mas às vezes se mimetizam com o feno. Como será ter seus olhos nos meus? O que posso afirmar é que tem ombros largos, dedos finos, que quase nunca ri, que os passos que dá quando anda são tão longos que parece que faz parte de um desfile militar. Não fuma. Ou, ao menos, nunca a vi fumar. Não ouve música, pelo menos não durante as tardes quase noites em que passo na saída do trabalho, com a boca seca, meia hora antes de subir na moto e colocar o capacete. Meia hora antes de saber que a verei sentada em uma rede com seu bebê. Loiro como ela. Magrinho e comprido. Jogando-o para cima e amparando desajeitada sua queda. Uma vez não conseguiu. Vou vê-la chorar, sua boca se enfiar. Não sei nem seu nome, nem sua idade, nem nada. Eu a escutei cantando uma ópera com voz grave e barroca, dá para ver que não nasceu aqui, mas onde, quando. Se tivessem me contado essa história no trabalho eu diria que não é possível. Um homem como eu. Responsável pelo serviço de radiografia do centro de saúde da cidade. Radiologista matriculado na universidade pública safra 1983. Casado e com uma filha especial, com capacidades diferentes, tranquilo, homem caseiro. Nascido e criado na

cidade mais próxima. Homem que viveu a infância e a adolescência inteiras na mesma região, no centro do país. Todo bobo por causa de uma mulher de saia rodada que passa a tarde largada feito um anfíbio na grama do seu jardim. Eu a vejo pelo tempo que a velocidade mínima me permite, esses segundos fatais. Penso nela e tenho espasmos de desejo. Um homem como eu, não especialmente bom, mas também não um diabo. Um homem como eu, que gosta de acariciar o cabelo liso de sua mulher, fazer amor devagar, quando a menina está dormindo, respeitando seus tempos, seus dias de menstruação. Um cara vivo, divertido, mas que não fica procurando chifre em cabeça de cavalo. E agora, com o pisca-alerta na calçada, acossado por essa secura na boca quando, de volta para casa, tenho que passar pelo seu portão e vê-la, perdida entre as flores. E essas imagens que duram os vinte quilômetros que a separam da minha casa. Imagens furiosas grudadas no céu da boca. Ela entre os espinhos. Ela, uma visão alucinada e laranja, e eu, uma raposa louca à beira da estrada. As granjas e os currais passam, escuta-se o cacarejar, e depois o galinheiro. Os mesmos de sempre me cumprimentam com as mãos na terra ou nas tetas das vacas ou trepados numa árvore com uma serra. Esse ambiente familiar de apetrechos, bosta, criadouros e cães de caça corrompido por esta imagem que arrasto como uma presa até meu lar. Esta imagem que cresce em mim fazendo estragos. O horror deste desejo. Querer lhe arrancar a pele. Digo oi com a mão à minha linda mulher que, usando luvas, retira espinhozinhos do jardim, mas a imagem me persegue também quando estaciono e entro. Uma auréola que se expande. Minha árvore seca e sem folhas se torna voluptuosa. E quando seguro minha filha nos braços. Inclusive quando lhe dou de comer na boquinha e quando lhe dou banho. E mais além disso. Muito mais. Nesta madrugada chorei por ela no chão da cozinha, batendo nos azulejos, desejei ter suas falanges, seus quadris, sua bunda comigo. Enganei a mim mesmo pensando que era o mais baixo que eu chegaria. Uma imagem te envenena, os olhos de uma coruja e já é tarde demais. Eu a ponho contra a parede, desfaço o coque com os dentes e a sufoco com meus beijos.

O que você gostaria que fizéssemos com as suas cinzas?, perguntou ao marido quando seus pulmões já não aguentavam. Hem?, disse, perdendo a audição. Quer que te enterremos ou te espalhemos, papai?, teve que gritar. Tanto faz ele respondeu. E não teve interesse em deixar isso, nem qualquer outra coisa, registrado. Uma segunda morte diária vivia minha sogra, que continuava a colocar na máquina de lavar as calças sujas do marido. Sua casa era um grande bloco de cimento maciço com vista para o campo aberto de pastagens secas e milho, detrás de uma fileira de hortas e pomares. O caminho de asfalto que levava até sua casa estava sujo, o ar tingido de fumaça cancerígena. Alguém queimava cabos de cobre para revendê-los. As toupeiras faziam buracos fundos também na sua terra, transformando-a em um campo minado. Meu sogro costumava dizer que era preciso uma solução final para o problema, colocando garrafas com gás na saída de suas casas, o holocausto das toupeiras. Ela continuava cozinhando para dois, trocando a fronha dos travesseiros, consertando as cuecas rasgadas na entreperna. Pela manhã, ainda acordada desde a noite, eu passava com o carrinho e a via sentada, aturdida, feito cego em tiroteio. Vivia em seu corpo como quem entra numa casa invadida e tenta atravessá-la sem tocar o chão. O único momento de paz, dizia ela, era o sono. Essa dispersão do espírito. Mas tinha graves transtornos para dormir e era sonâmbula. Certa vez passeou de camisola pela aldeia gritando fogo!, outra, usou os sapatos como telefone e falou com Deus; isso quando não passava o aspirador às quatro da manhã. Vi que comia no café da manhã um pão branco que estava na cozinha havia dias. Não olhou a data de vencimento dos remédios que começou a tomar no dia do enterro. Não espantou as moscas nem tirou seus ovos aninhados dentro do vidro de creme de castanhas caseiro. Olhou para seus dedos, que levavam o pão à boca, como se fossem de outra pessoa e engasgou, porque, para quem fica, o tempo não passa, sempre é limbo. Como uma camisa molhada, úmida sobre o corpo, algo que não vai embora nem desgruda. E, ainda que seu eterno companheiro não passasse longas horas incrustado nela, tardes inteiras, verões, grudado nela, nem dias ao ar livre entrando nela, saciando-a; ainda que nem sequer pensasse que ela tinha tesão, de tão oca que andava, era seu companheiro. Ele pensou que

sua mulher, em vez de vagina, tinha algo como uma pedra no fundo de uma gruta. Pensava nela sempre coberta com esses xalezinhos que bordava. Acostumou-se a amá-la como se tivesse nascido assim. E ela também. E quando viu o cadáver limpo do seu marido se impressionou, porque antes de ser cinzas teve a forma de um corpo nascido no outono de 1940. O pedantismo, os monólogos que fazia sentado à cabeceira da mesa, seu riso sobre o trator em marcha terminaram encerrados num caixão de pinho. E lá foram parar os segredinhos, as escapadas ao bordel da zona, a vez em que meteu a mão na saia de uma colegial no ônibus do vilarejo e todo mundo comentou. Lá foram parar também suas proezas na armada, os mortos que anotava na virilha, o jogo de cartas no compartimento de um trem aos trinta e dois anos, a vez que ele a fez mijar de rir e ela teve que correr para se trocar. Foi um velório qualquer, uma despedida breve. Excelente pai e marido, disseram os convidados. Excelentíssimo. As pessoas foram em procissão comer na estalagem da qual o defunto era *habitué*. Ali passava as tardes tomando seus chopinhos e seus aperitivos, ali contava com graça suas lendas do front. O cortejo o recordou entre seus camaradas. Sua viúva o delatou, dizendo que costumava ficar horas a fio sentado na escuridão total do living, de frente para a árvore iluminada. E não era tanto a morte concreta do meu sogro o que me impressionava, era mais a perda de suas palavras, que puta vida de merda, seus autoelogios sou um superdotado, o tom ensalivado e pastoso. Tanto engodo aqui e ali, tantas lembranças ousadas da guerra, tanta falta de freio, e, no fim, não deu nem para fazer uma oração.

a noite ia alta, negra, suave sobre nós. Uma escuridão fosca e pretensiosa. O ventilador girava. Minha menina maravilha sonhava dentro das redes brancas, maciazinha como um peixe sem escamas. Estava obcecado por dormir, fazia horas que minha mulher sonhava ao meu lado e que as espirais antimosquito tinham se desintegrado, deixando no ar esse cheiro de viagem adolescente. Levantei-me e fui na ponta dos pés até a porta, levando comigo a roupa pendurada no encosto da cadeira de ferro. Eu me vesti no escuro do corredor. Levei os sapatos na mão e fiz o laço do cadarço sob o céu aberto. Empurrei a moto até a rua e liguei o motor uma quadra adiante. Vi as árvores cortadas de uma machadada só. Vi os crânios perfurados dos coelhos espalhados como florezinhas na entrada do bosque. Vi um grupo de mariposas, que revoaram sobre minha cabeça e entraram nos meus ouvidos e no colarinho da minha camisa. Pouco a pouco conseguiram se emaranhar nos meus cabelos e entraram no meu nariz. O ar fresco, de monte, de caminho, não me deixou menos sufocado. Avançava pela estrada cruzando com homens pacíficos com carabinas e facões. Eu me aproximava dela a grandes saltos. Passei pelas casas que a precediam. A das janelas tapadas, a das rosas artificiais, a dos cães gêmeos siberianos. Desliguei o motor, deixei a moto inclinada na grama e avancei até seu portão. Fui e voltei sem olhar para o interior do jardim e da casa. A folhagem me permitia distinguir somente o cascalho. Da plena escuridão saiu uma luz. Alguém acabava de acordar. Ou seria o bebê sacudido por imagens do sonho. Pus a mão na maçaneta e entrei pela primeira vez em seu território. Sua casa adiante me pareceu uma paisagem. Meus sapatos afundaram na terra. Dei vários passos cuidando para não ser visto de nenhuma das duas pequenas janelas na frente. Toquei a parede que parecia partida por um raio e cheguei à parte de trás da casa. A luz continuava acesa, mas já não se escutava o shhh agressivo da coruja. Esperava vê-la descer pelos ares possuída por espíritos vestindo uma camisola branca. Esperava vê-la surgir na janela com olhos vermelhos. Ou flutuando sobre o telhado vestida de preto. Estando ali, na sua zona, pude sentir o ódio que lhe escava o ventre e implorei para não ser contagiado pela depressão de ter que viver. É infecta a grandíssima puta. E tão linda. Outra janela se abriu, como um talho na parede. Estava assustado

demais para fugir e fiquei esperando que algo me acontecesse. Que saísse o marido ou que um cão me mordesse. Ou que fosse ela, e então o medo era maior. Ouvi passos estalarem em uma escada de madeira. Seus pés eram garras de metal. Seu cabelo, que chegava ao chão, feito de partículas. Continuei parado feito um poste com os pés molhados. Ela saiu. Avançou até mim montada no ar, mas retrocedeu no meio de uma corrente e, ao se deter, abriu a boca grande como se fosse gritar, mas não saiu som algum. Era difícil me segurar. Aos meus olhos ela era irresistível, mesmo estando a poucos passos da fossa séptica. Apesar do meu desejo violento e da minha vontade de me atracar com ela, de aspirá-la, não me mexi. Ela também não. Eu diria que nós nos conhecemos nesse momento em meio às sombras. Isso foi como contamos a nós mesmos a tragédia da nossa vida. Isso foi como falar do passado, de por que estávamos neste poço, nesta animalidade, do que nos leva a fugir no meio da noite. Agarra uma faca e corta a boca, me disse, e eu obedeci, enquanto ela entrava na casa galopando e, mesmo de costas, me olhava sangrar. Fugi na moto, acordando todo mundo.

Estou à mesa depois da refeição. Não sobra nada além do meu copo, tudo já foi recolhido. Os pratos estão lavados no escorredor, o sal em seu lugar, meu marido foi se deitar. O cachorro novo mijá. Sei que preciso me levantar, mas não faço isso. Estico as pernas sobre a outra cadeira. Adormeço chupando um palito de dentes. Ele vai mijar debaixo da mesa, mas não me levanto. Minha calça está aberta. Daqui desfruto do horizonte que se abre no fim do campo com seus fardos redondos de feno, ou será que tenho olhos de lince. Posso ver não só a sombra das árvores, seu retrato, mas também os parasitas que se agarram aos seus troncos. Posso ver o que vive sob a terra quando dormimos. A esta hora no rio passam vacas boiando com as patas duras para cima, surpreendidas pela corrente na hora de beber. Esses cadáveres bovinos que, vistos da ponte pênsil, são pedras ou homens. O cachorro ainda sem nome puxa a toalha da mesa e quebra meu copo de vidro. Agora ele mijá e está com o focinho machucado. Precisamos batizá-lo, para mim basta chamar de cachorro, mas meu marido insiste em chamá-lo de outra maneira, em integrá-lo à família. Também faço xixi, mas continuo sem me mexer e tenho câibras. Uma coisa que sempre detestei da vida no campo e que hoje saboreio é que a gente passa o dia assassinando. Com o café da manhã aparecem aranhas na pia, afogadas mal abro a torneira. Algumas mais espertas se dobram por um tanto, resistem fechadinhas em copas, são as que me animam a abrir a água quente e terminar de dar fim nelas. No momento de passar marmelada é a vez das moscas, que vivem nos seguindo desde a pré-história e já é bem hora que se extingam. Eu as fecho no frasco com um movimento ágil da tampa de rosca. Depois me sento com o bebê nos joelhos para vê-las patinar no doce. Largada na rede, eletrocuto abelhas e adestro a vespa que tenta me provar. Com meu filho reúno grupos inteiros de formigas dentro de caixas de fósforos que depois acendemos. Ao que parece desprendem um cheiro bom, porque o bebê aspira. Eu não sinto nada. Depois saio para pisotear minhocas e grilos. Mas o melhor momento é o das xicrinhas com cerveja que coloco no terraço, não muito cheias, para que as lesmas marrons tenham que se agachar para beber. Quando passeio de noite, encontro toda uma assembleia de lesmas meio bêbadas dentro do líquido, nos arredores e

até debaixo do recipiente. No banheiro, sentada no vaso, gosto de pegar uma vassoura e varrer de uma só vez as teias de aranha do teto. Ele mijou. Não penso em passar um pano, eu nunca quis adotá-lo, meu marido foi quem ficou com pena dele quando, voltando do supermercado, o vimos deitado no meio do caminho. A pocinha se espalha até a porta e passa por debaixo dela. O cachorro vai lambendo, até que topa com as pantufas do seu dono, recém-desperto. Cachorro submisso lambedor. Cachorro doutrinado. Que foi?, pergunta assustado o maridão ao ver mijo e cacos de vidro. Não é pra menos, se eu fosse ele também me assustaria, mas eu sou eu e continuo sentada. Ele dá uma voltinha ao redor da mesa, uma olhada e me interroga. Já sei, digo. O que é que você sabe? Não me faça dizer, se digo que já sei já basta. E, na verdade, não. O que você está fazendo aí sentada, não está vendo que o cachorrinho está fazendo xixi, pobre criatura. Não está vendo que ele está pisando no vidro? Por que você está com a calça aberta? Senti pena dele, casado com alguém com a calça aberta. Não posso?, pergunto. Você sabe muito bem que não se trata da calça! Quero poder ficar com a calça aberta se quiser! Vem, diz abrindo os braços. Não. Vem. Não. Por que não? Porque sim, não. Que faço, varro? Faça o que quiser. Você vai ficar aí? Sim. Você poderia começar a cuidar melhor da casa! Sabe o que encontrei na cozinha atrás da garrafa? Uma ratazana carcomida e minhocas, há quanto tempo nosso bebê come ali? E você?, retruco. Para de bater cinza nas xícaras, nos pires, por exemplo, há quanto tempo nosso bebê come ali? Compra uns cinzeiros, então! Então ele vai lá para fora, o submisso o segue, e eu escuto o bicho descarregar o resto do jato que ficou atravessado na bexiga dele. Ele pega a vassoura, volta e varre, tentando não me machucar, dando uns chutes de leve para espantar o cachorro. Eu continuo olhando para a mesa vazia. Nem sinal do jantar. A essa hora do dia, em qualquer lugar, quando a luz muda, quando tudo declina, os objetos ou se quebram ou são levados. Vamos lá pra fora, amor? Pra que sair, amor? Está muito abafado aqui, amor. Lá fora também está abafado. Ele olha para mim e sai. Sei que tenho que me levantar, que desta vez não há opção. Mas, assim como quando meto a unha na gengiva para que ela inche, continuo paralisada na cadeira, diante de algo que se desintegrou. Esse jantar, esse tempo no qual comemos há menos de uma hora, uma foto de família de várias gerações, sete irmãos de pé em uma escada, sorridentes, agora todos mortos. Fico pregada ali, fico como se detrás de uma porta, esperando que abram. Escutei o motor bufar e soube

que era o ultimato. Minhas mãos fizeram movimentos violentos, como prontas para despedaçar algo, e ainda continuei ali por tempo suficiente para que o motor esquentasse e meu esposo dissesse "...lha da mãe!". Levantei-me rígida. O carro ligado, com o cachorro no banco de trás, piscou o farol para mim. Deixei a porta aberta. Enfiei a cara na janela. Ele está com essas patas sujas na cadeirinha do bebê, diz alguma coisa pra ele! Bom, ele já vai tirar, sobe. Não me faça sair para passear. Não estou enchendo o saco agora! Vamos conversar, isso não pode continuar assim, você não está entendendo nada, acho que disse isso, ou quis dizer. Eu também não tinha lucidez para discutir. Fazia aquele frio que faz quando já não são duas/três, mas quatro/cinco. O bebê, disse eu. O bebê está ótimo, eu estou mal. Quando ele dizia isso é porque estava furioso. Baixei a crista e entrei. O cachorro sujava a casinha do bebê, a caminha dele dentro do carro. E depois, já em outro povoado, ouvimos o rock mal captado da rádio municipal. A bruma apagava os telhados, os estábulos, as lojas de bebida. A bruma de madrugada como um véu turvo a cobrir os animais adormecidos, currais, paróquias. Meu esposo dá de cantarolar e assobiar uma música em inglês. Puta música, diz, e aumenta o volume. The Smiths. Para ele eu sou uma extraterrestre porque não os conheço. Porque acho que é muito coisa de retardado escutar rock. Porque a guitarra não me emociona. O cachorro dorme com o focinho entre as patas. No refrão, *And when a train goes by, it's such a sad sound. No..., it's such a sad thing*, ele se distraiu e mal conseguiu pisar no freio. Um cervo adulto veio de encontro ao para-brisa. Cabeça primeiro e corpo depois passaram como um bicho voador rumo à esquerda, a marca da batida ficou no capô. O cachorro uivou. Eu me dobrei em duas, sem o cinto, porque sempre me esqueço de colocar. Apesar de ele estar devagar, bati a cabeça no porta-luvas e fiquei zonza. Você podia ter me arrancado os miolos! O cinto, já disse mil vezes, o cinto! Estão todos bem?, e se virou para ver o cachorro, que, agitado e arfante, embaçava o vidro das janelas. Mas, depois, viu que o bicho estava com uma pata frouxa, que se mexia no ritmo do limpador de para-brisas, como se coçasse o quadril. Descemos, meu marido com o animal no colo. A música continuava. O cachorro lambeu seu corpo maltratado. O cervo fugiu como pôde, mancando, como se não entendesse que tinha sobrevivido. Meu marido olhou os destroços do radiador; depois, se lembrou e me abraçou. A fumaça pesada que saía do carro nos cegou, e por um segundo ele beijou o cachorro na boca, e eu, o tronco de uma árvore caída. Temos que empurrar, disse,

mas antes se afastou uns metros e abaixou a calça do agasalho. Tenho um marido obsceno. Como é que você pode tirar o pinto pra fora agora? Qual que é?, disse, como alguém que masca chiclete num enterro. O animal fez o trabalho sujo, lambendo os restos do capô. Depois começou a balançar a cabeça. Pusemos nele o nome de *Blood*, mas o chamamos de *Bloodie*. Enrolamos o cachorro no que encontramos e prendemos com o cinto de segurança no banco de trás. Empurrei enquanto ele acelerava e depois corri até o carro em movimento. Corri tanto que pensei que eles estavam fugindo. Em casa o encontrei de pé no berço, com as mãos entre as barras, gritando com o carcereiro. Meu marido já estava enxaguando o carro com a mangueira. *Bloodie* o seguia, mas com cara de quem não aguentava de sofrimento, lacrimejava, arrastava a pata, rolava na terra fazendo buracos. Fomos dormir. O iiiiiiiiii de *Bloodie* retumbava pela casa toda. Eu me levantei fora de mim, cacei a lanterninha na gaveta de ferramentas e fui até a garagem. Remexi tudo, tinha tanta sujeira acumulada em cima da madeira, dos móveis sem uso, das cadeiras com rodinhas, só o telescópio brilhava, protegido pelo plástico transparente. Não ia ficar na vontade. Saí deixando a porta entreaberta, o ar gelado não tardaria a esfriar a casa. Fui de galochas e seminua até a casa da minha sogra. Não estava no campo, mas num *spaghetti western*. Peguei a chavezinha com chaveiro de pé de coelho, escondida no vaso ao lado da porta, e abri. Se meu sogro estivesse vivo, teria atirado, em um alvo qualquer, mas ia ter se dado esse gosto. As pilhas de camisas passadas, os livros arrumados na biblioteca, nada fazia pensar que alguém tivesse morrido um pouco antes. Subi pela escada pendurada, segurando-me nas cordas. Ela dormia com a cara cheia de remédio. Minha sogra era uma tábua, os olhos cobertos por uma máscara e dois algodões metidos nos ouvidos, sem peito, um corpo assexuado como uma mesa enrolada nos lençóis. Ao seu lado, um piano e um desenho japonês de uma ilha. Seu quarto era como a neve. Fiz barulho quando tropecei nos sapatos de cadarço comprido dela, mas ela nem piscou. Acendi uma vela. Olhei de novo para o piano, quis tocar uma tecla. Procurei. Tem gente que precisa ver o oceano. Eu preciso ver uma arma, ainda que quieta, suja, descarregada. Quando meu marido abriu o olho, eu estava mirando nele. Ele se assustou tanto que não conseguiu dar um pio. Mata ele, eu disse. Que, quem?, iiiiiiiiii, iiiiiiiiii. Mata o cachorro. Por que o mataria? Porque ele está sofrendo. E? Deixa ele em paz, amanhã a gente chama o veterinário, disse e virou de lado, de bunda pra mim. Chamar quem? Mata ele agora,

vai, disse eu, fora de mim. Mas ele nem se mexeu e roncou tão alto quanto os gemidos do *Bloodie*. Fiquei ali olhando ele dormir, maravilhada com a sua eterna covardia. Andei pela casa, a escopeta na mão, até o canto da cozinha, onde, torcido sobre um pano nojento, ele soluçava de dor. Apontei e, sem pensar em nada, mas com a atitude de um soldado israelense, escutei na minha cabeça a ordem. Fogo! Fogo, caralho!, e dei o primeiro tiro da minha vida.

Na cidade, nos dias chuvosos, as pessoas vão ao cinema, ao teatro, a restaurantes; no campo, contam anedotas, acham que assim combatem o tédio: depois do casamento, iam sentados no primeiro andar de um micro-ônibus-leito. Viajavam com os trajes da festa, brilhantina no cabelo e restos de papel picado na roupa. Tinham tirado os sapatos, os dela iam dentro dos dele. Iam passar a lua de mel no sul, numa cabana à beira de um lago. No folheto dizia “diante de um espelho”. Ela dormia apoiada no ombro de seu recém-marido. Ele olhava como o caminho vinha na direção dele. E as marcas das rodas no asfalto. E as manchas de combustível. E os animais esmagados até o pelo se fundir com o pavimento. E via as nuvens já não avermelhadas, mas cinzentas. Fazia frio por causa do ar-condicionado, sua esposa se cobria com seu paletó, o motorista tossia. Olhou para ela e se olhou, depois, no reflexo na vidraça contra o fundo da noite estradeira. No posto desceu e a deixou dormindo. Pediu fogo para o motorista, que fumava apoiado contra o capô quente e ficou soltando fumaça entre os passageiros. Andou pelo posto embolorado e viu que, afastada, entre os micro-ônibus, uma família inteira comia agachada. E que vários velhos dormiam em uma fileira de bancos, perguntou-se se os velhos eram conhecidos uns dos outros. E que todo um lado do posto estava apagado. Não tinham dito para ninguém, e o vestido com babados escondeu bem, mas estava grávida, grávidos, dizia ela. Nesse ventre ia meu futuro marido. Depois viu que o cigarro do motorista já ia pela metade e se distanciou, para que a volta se prolongasse. Chegou até uma casinha de madeira cercada de ervas, passou por trás e abriu a braguilha, mas não saiu nada. Estava seco. Viu que além do posto havia um povoado, feito uma sombra. O motorista pisou a bituca, estalou as costas e aí ele correu. Os micro-ônibus não esperam. Subiu a escadinha caracol com um homem que devia ter sua idade, mas que lhe pareceu muito mais jovem. Procurou seu assento tateando o teto. Ela dormia como se numa cama, com a boca entreaberta. Reproduzia o gesto exuberante de toda grávida, a mão sobre o abdômen. Ele se acomodou e, outra vez, veio a estrada em sua direção. E as cruzes com os nomes dos mortos no acostamento. E os lixões com seus pássaros. E os cabos de eletricidade levando e trazendo luz. E chorou a viagem toda. Primeiro,

diante da terra revolta de um descampado. Depois, em uma curva que dava para o mar. Mais tarde, ao ouvir o granizo galopar pelo teto. Chorou e chorou. Quando o micro-ônibus entrou na última etapa, ele ainda olhava a paisagem, agora diurna, quase sem ter dormido. Ela se espreguiçou, sorriu plena e disse, bom dia, amor, sem soltar o que já continha o gérmen do meu. Este é o relato que escutei da viagem de lua de mel dos meus sogros. Isso é o que ficará para seus filhos e os filhos de seus filhos e mais além. Um cachorro que faz cocô em uma parada e, assim, inclinado, vê um micro-ônibus iluminar sua merda e, dentro dele, um homem chorando contra a vidraça.

Com uma das mãos seguro meu nenê, com a outra a espátula. Com uma das mãos preparo a comida, com a outra me apunhalo. Que bom ter duas mãos! Que prático. Estão me esperando com o carro ligado, corro tentando não tropeçar, buzinam, Já ouvi! Insistem que eu esteja com eles, sentadinha no banco do passageiro, o cinto bem colocado, na expectativa do passeio dominical. Aonde vamos?, diz minha sogra, que já saiu do luto e se comporta como uma viúva qualquer, uma das tantas nas mesas de bar, com ares modernos, comendo *petit-fours*. Aonde querem ir?, pergunta, e é sempre a mesma coisa. Não posso ficar quieta, só olhando pela janela, tenho que propor um lugar para ir passear. Ir até o rio comer batata frita e tomar aperitivos, vendo passar os veteranos que fazem esqui aquático usando essas roupas de mergulho. Ir até a cidade, subir as escadas do campanário em fila indiana, olhar com a fascinação com que os turistas olham as coisas mais imbecis, uma pedra, os tetos avermelhados das casas. Ir à quermesse, tomar um cafezinho no centro, perto do mercado, com cheiro de churrasco. É preciso parecer entusiasmada e é preciso dar a parecer que isso é viver. É preciso levar o menino de lá para cá, comprar-lhe balões de gás, fazê-lo girar em falso no carrossel, tirar fotos, porque é isso que é preciso fazer para que tenha infância. Vamos a qualquer lugar, mas vamos, diz minha sogra, com essa fúria dos viúvos. Recentemente voltou a cortar as unhas, recentemente passou a dormir a noite toda sem apalpar o corpo do falecido, recentemente toma café da manhã sem encher o café de leite. E, claro, quer passear. O filho único leva a velha, e faz tão bem, para fora desta cloaca. Vejo que cruzamos a ponte pênsil. Meu marido quer me passar a direção para que eu pratique nas alturas, mas não tenho coragem. Sinto vertigem. Lá embaixo há dunas e famílias sentadas em cadeiras de praia. Há avós em seu dia livre do asilo, bestas por estarem com os filhos e netos, há umas tantas grávidas deprimidas escondendo o cigarro, há viciados em heroína em reabilitação, tem de tudo. Minha sogra quer ir até lá. Estacionamos na descida e o maridão puxa o freio e deixa na primeira, para a gente não acabar debaixo da ponte. Aí estamos nós também, a família que sai para ver o entardecer. Como se não soubéssemos que o sol nasce e se põe. Todo dia é igual, hem. O bebê engatinha e minha sogra vai

atrás, com dor nas costas. Eu me entedio olhando um cisne que flutua sem nunca mergulhar mordendo talos e plantas aquáticas, até que ataca o pescoço de um cachorro em um bote, tão cheio de estilo era o cachorro antes com seu pescoço. De repente, algo salva essa monotonia. Uma onda de gente se agita na costa, um murmúrio cresce. Reúnem-se, amontoam-se em direção ao rio, e vejo que pela ponte vem um patrulheiro, dois, três. Parece um espetáculo de fogos de artifício, as pessoas se avolumam e já somos todos da mesma família. Um adolescente gay de treze anos se despediu pelo Twitter e veio se jogar aqui. Antes, agradeceu o apoio dos seus seguidores. A polícia chama os bombeiros, e todos juntos não dão pra nada. Colocam uma fita preta e amarela, mas, óbvio, o pessoal passa do mesmo jeito. Até meu bebê fica intrigado e eu o deixo ver. Eu não quero perder meu tempo olhando para uma coisa pesada na água. Agora, causa sensação, adrenalina. Está por vir o tempo em que um homem vivo será o mesmo que um defunto. Essa sutil diferença de ser, perceptível somente para o motorista do reboque que passa ao lado de um homem que tira uma soneca no acostamento ou ao lado de um recém-atropelado. Uma diferença que só o caminhoneiro nota, entre um homem tomando sol e um, na mesma posição, com morte cerebral. Que lindo domingo tivemos.

Sobre mim o turquesa do bronze azinhavrado, a terra outonal girando, o sonho estancado. Eu me visto adormecida porque acabo de escutá-lo. Saio de casa, sem sapatos, não volto, me desloco com passo animal até a porteira. Que ele esteja ali é como a aparição que a minha boca pede. Pedir um relâmpago e receber a resposta do céu. Pedir a textura da areia branca e o povoado se transfigurar em praia. Pedir um cavalo e ele passar, lento, roçando em mim com seu dorso. O bucolismo campestre, a pequena entrada para o laguinho, os frutos caídos das árvores, um pântano se torna excitante. O sem graça me embriaga. Está de pé diante das grades que rodeiam minha casa. Eu o olho enquanto ele me olha e sei que depois vou vomitar à beira do bosque. Olho para ele e sei que depois vão me nascer bico, plumas, garras. No início, como ocorre no início, não sei se tenho que mandá-lo embora ou lhe cravar o ancinho no peito, mas depois, como se disparássemos faíscas prateadas no ar negro, nos beijamos. Meu marido dormia e o bebê caía da cama. Uma pedrinha escorregando em um barranco.

tudo teve dois começos simultâneos: um sonho nocivo, para um, os preservativos encontrados no porta-luvas do carro e derretidos pelo sol desse último verão infernal, para o outro. Tudo seguiu seu curso com sermões, dúvidas, provas. Comemos a cabeça um do outro, nos bicamos como numa briga de galo, enquanto no ar passavam aviões militares fazendo exercícios. Treinando para uma guerra que já acontecia. A cada tanto um girava em falso, e eu via a asa incrustada na maçã do meu rosto. Ontem sonhei que te encontrava na cama com o vizinho, e olha que eu nunca me lembro dos meus sonhos. Chorei a manhã toda, diz ele. E, veja, achei uns preservativos no porta-luvas, o que estavam fazendo ali. Você não acha confortável trepar no carro. Você não responde o que eu pergunto. É que você não perguntou nada. Eu te contei o sonho. Vai querer me dizer que eu sonhei por nada? Não sei de que vizinho você está falando. O que apareceu no meio da noite, o que passa todo dia com aquela moto de merda. Não sei. Dizem que há que negar tudo, mesmo diante da evidência. Se for o caso, nego até que eu seja eu. O que é, o que ele quer? Ele quem? Da próxima vez eu desço e pergunto, então, vamos ver o que ele quer, também tenho minhas suspeitas, quem não suspeita. Que suspeitas, de quê? Diz logo sem rodeios quem é ele. Ninguém, eu disse, já passada. Mas sentia seu olhar como uma foice na minha garganta a cada vez que se aproximava. Não me faça de besta, hem. E continuei dizendo que não, não, mas seu cabelo negro já tinha me envenenado. Um clássico. É só entrarmos ali, descalças, peladas, adentrarmos. Um bosque privado que nos enselva. Se você me disser, não vou ficar bravo, mas preciso saber. Mas o que eu ia dizer? Entrou em mim como uma serpente entra na boca de um crocodilo?, como uma serpente devora, traga, lenta porém irreversivelmente, um pássaro? Abriu a machadadas um lugar para si. É isso que eu vou dizer? E, uma vez dentro, escutou o eco da minha voz. E, no meu corpo ensombrecido, me matou. Acho que percebeu que eu pensava alguma coisa ruim, porque, em um gesto torpe, agarrou meu braço e cravou a unha. Está me machucando, disse, imitando a cadência lastimosa das divas. Diz o que está acontecendo! Mas ninguém, nunca, quer a verdade. Não está acontecendo nada. Mentirosa, falsa. Só me diz se você dorme com ele e te

deixo em paz, te juro! E a lenga-lenga do ciúme, o blá-blá-blá que destrói ao mesmo tempo o ciumento e o objeto do ciúme, abriu lugar para chutes, socos, idiota, imbecil de merda, louca histérica e outras banalidades. Até que corri para fora da casa, pela primeira vez, atravessando o vidro. E toda vermelha cruzei o pasto como se fosse uma campina e no caminho atropeliei coelhos e corujas, ou eles me atropelaram. E me joguei como de costume no meu catre, na minha caverna, entre árvores podadas. Acho que meu esposo me procurou e depois se cansou e começou a cabecear. Fiquei largada, com as meias úmidas, com o sangue frio e seco lambuzando o corpo, o tremor me vencendo. Assim começou a longa noite, olhando túmulos até o sol. Penteando-me e dormindo sob o reflexo das lápides. Lendo nome de falecidos que não conheço. Essa foi minha vida ou a partir daí seria assim. Quando faço sexo comemoro o aniversário de ausentes. Quando me apaixono, agora mesmo, enquanto me sacudo, lanço terra sobre um caixão. Pouco importa de quem. E quando me masturbo profano covas e quando embalo meu bebê digo amém e quando sorrio desligo um respirador artificial. Por isso o beijo, porque, de todo modo, há tanto tempo e mesmo antes de eu nascer, e enquanto meu marido anda por aí gritando de ciúme, estou morta.

há dias estão cuidando dos meus cortes. Não consigo me ver inteira, mas eles estão nas escápulas, no peito, na barriga, no pescoço, em toda parte. São uns cortezinhos de nada. Cada novo enfermeiro gasta trinta segundos extras para me olhar sem fazer nada, e deixam que eu perceba. Não se trata disso, mas, bem, digo, não sei. Iluminam meu leito e tiram de mim vidrinhos, folhinhas, farpas. Eles tiram do meu corpo cristais, espelinhos, petalazinhas, lascas de vidros. Primeiro uma pequena ferida e, no dia seguinte, ou no outro, aparece um brilhantezinho. Eles me dão analgésicos e me desinfetam. Trouxeram-me direto do pasto, inconsciente. É a primeira vez que desmaio e deixo o mundo. Agora supostamente tenho que andar devagar, nem pensar em correr, e pôr os pés para cima. Agora tenho um casco de zebra. Não volte a se cortar sobre a cicatriz, me dizem, e parece que é algo muito comum entre os pacientes, isso de insistir. Meu marido entra dizendo toc, toc, e primeiro finge que se esconde entre as flores. Ele me beija evitando os cortes no rosto, que não vão ficar. É preciso dizer alguma coisa e me vem, não relei um dedo nele. Não sei do que você está falando, diz. Isso, não relei nele. Bom, responde, não sei. E você? O que os preservativos estavam fazendo ali. O que você tanto tem que fazer no McDonald's, em vez de voltar para casa cedo e ficar conosco. Boa jogada, diz, está aprendendo, e me faz um carinho, mas em cima, bem em cima, do corte no meu pescoço.

No chão arranquei mil e uma vezes o capim misturando na minha mão o verde e o amarelo, a terra e as minhocas. Linda paleta para uma pintura macabra. Arranquei e arranquei, agitada. Mas não me acalmei. Corri para casa e no quarto arremessei a cadeira antiga de madeira contra o espelho e tirei a porta do armário com um só golpe e a folha da janela com outra patada. Meus ovários se contraem e na minha calcinha um coágulo escapa por entre minhas pernas. Não é outra gravidez, acho, é raiva. Corro espasmodicamente, os cortes repuxando. Nunca fiz esporte, na escola pulava do trampolim e caía no fundo da água sem tentar voltar à superfície, enquanto do lado de fora desempenhavam a pantomima da consternação. Meus colegas que gritavam afoga, afoga! Por onde andam agora? Aperto a gordura que ficou na barriga depois da gravidez, agora me ocorre que seja uma gravidez perdida, mas não, nada a ver. São as sobras do meu corpo. Meu marido corta lenha com o bebê no carrinho. Escuto a serra. O menino olha fixamente os pedaços de madeira que se partem, se desprendem do tronco e caem. O menino olha sua mãe se quebrar, desmoronar. Mas sorri ao ver os resíduos no ar e pensa que são flocos de neve escura, sem se preocupar comigo, alegre com a preparação para o inverno. Deve pensar que tem uma mãe-padrão à qual dar os primeiros desenhinhos do jardim. Ao lado dele, uma árvore, antes cheia de vida, se desfibra. Nunca estive tão longe dele. Corpinho sem consciência. Cabecinha inculta. Mãe, eu, corro e me jogo de uma cisterna nos altos capinzais não podados onde meu corpo ficará por tantos anos sem ser descoberto e será verdade forense. Meu hálito de búfalo me sufoca. Poderia embaçar vidros inteiros, os janelões de um castelo, cidades espelhadas em rios estreitos. Sou um animal que respira lenta e pesadamente tirando o ar do resto. Olho a noite e ela me parece um baú fechado a cadeado. Um velho vagão rumo ao inferno. Procuo no ar denso uma fresta pela qual me enfiar. O que você quer de mim?, diz meu marido. Do que precisa agora? Há algo que eu possa fazer? E coloca diante de mim uma almofada. Mas uma almofada não me basta. Dou um soco no ar e meu marido sai correndo e volta com um par de luvas de boxe vermelhas da sua adolescência. Ele as veste em mim, solto tonta dois cruzados no nariz dele e as tiro. Não quero luvas nem ringue. Não quero

almofada. Quero ver minhas mãos feitas de ossos se atirarem em todas as direções. Me come, grito com uma voz que me soa canina. Me come de uma vez por todas. Mas do que eu tinha vontade enquanto ele se aproximava de mim, ereto, era de comer flores venenosas, cogumelos venenosos, pedras. Acabar com este longo dia difuso e tormentoso. Ele me atirou na cama, o bebê continuava em frente à lenha cortada, estirava-se para alcançar a serra. Abriu minhas pernas. Vasculhou-me com as mãos cheias de calos. Quando grito, o que menos sinto é apetite. E, enquanto ele enfiava seu pedaço de carne no meu buraco, se é isso transar, desejei um quarto branco no qual entrasse o ar marinho, o sal ardido na minha língua cortada. Alguém cuida dos meus olhos, adestra meu olhar e me deixa em um lugar infinitamente mais calmo que este chiqueiro. Esse outro me escava, à procura. Porque tem alguma coisa. Mas ninguém sabe escavar. Nem mesmo ele. Quando meu marido se encolheu e saiu, senti que palpitava e, ainda que o tenha mordido, o amei. A serra começou a funcionar.

Pouco importa que eu passasse a manhã inteira pensando em como traduzir meu estado de clausura. Pouco importa que caminhasse ao longo do rio seco e esverdeado percorrendo mentalmente mil palavras sem encontrar a correta. Minha sogra inquiriu de longe segurando a gamela de ração das galinhas por que eu não fazia um pouco de ginástica. O que você está fazendo indo pra lá e pra cá a manhã inteira. Você podia ir ao curso de ioga grátis que tem no centro, eu cuido dele enquanto isso. Pouco importa se você está pensando em um soneto de Shakespeare, se está vasculhando sua consciência em busca de um minuto em que você tenha sido livre, sem encontrar. Pouco importam o cérebro e suas referências, suas elucubrações, sua indagação sobre os símbolos, o afã. Importa o que você faz, aonde vai, se você se mexe. No fim, são como meus vizinhos presos entre paredes de madeira sem pintura. Esses ciganos saídos diretamente de um universo brutal, sem moral, sem lei, sem relação com os lugares modernos com luz elétrica, com a música pop, com as democracias capitalistas e a abolição da pena de morte. Melissa, a de trinta com cara de cinquenta, boquinha fina e fechada como um talho, cabelos compridos acobreados grudados em mechas que deixam ver a pele do crânio e lhe dão um ar de boneca de terror. Sua filha de doze, Jacqueline, desvirginando-se na casa abandonada do lago, esse antro gótico, levantando a saia entre gemidos alcoolizados. Com certeza embucharam a coelha, criada e nascida nesse mundo sórdido de cafés pulgentos de assistidos sociais, motivações frágeis e roupas de linho com alpargatas. De onde você vem? O que vai fazer amanhã? A que horas se levantou? Praticou pronúncia? Vocabulário? Assim você nunca vai passar nas entrevistas de emprego. Aonde vocês vão? Escutei e entrei ofegando no bosque, uma égua de carga em trabalho de parto não o teria feito mais devagar.

E então vi o ar saturado de tensão sexual invisível. Rembrandt. As bolotas caíam e caíam e caíam tão lentamente, tão pesadamente, entre a copa da árvore e a terra, que parece que dormiam no ar. Que o cortavam com raios dourados. Caravaggio. Essa modorra, esse ar sonolento de ver as folhas dar uma e duas e ainda mais voltas antes de chegar, uma folha que cai, e a outra e a outra. Esse clima que faz a boca entreabrir. Que faz da saliva água doce. Adeus ao mofo e ao negrume. A morte do verão transformava o bosque em silêncio e suspiros. Eu me joguei num canto com o carrinho e dormi. E sonhei que chuviscava. Mas não, era o ruído das asinhas das borboletas batendo umas nas outras. Meu coração palpitou nas orelhas. Inclinei-me para ver meu bebê e esqueci que saiu de mim. Bom dia, menino do bosque. Ele viu duas capivaras copulando e imitou veloz os gestos com sua pélvis pequenina. Meu bebê já trepava, tosco como elas.

Se levitar é coisa do outro mundo, olhar nos olhos dele era o que havia de mais próximo a isso. O cervo aparecia bem ao cair da noite e ficava parado nos fundos, entre o bosque e o jardim. Da casa se podiam ver seus chifres em ramas, como um candelabro judaico. Esse olhar é um momento que ainda dura. Virou a cabeça e apareceram suas pupilas; agora estou cega. O menino estava entre meus pés, largado na grama. Antes de fugir, o cervo jogou a cabeça para trás por causa do peso dos chifres e abriu sua bocona em U e pareceu que uivava, que delirava, que sua boca era uma fossa. O bebê se virou, o animal saiu de cena. Mas ficaram seus olhos flutuando e seu bramido. Quando tudo ficou negro e não havia nem atrás nem à frente, voltei com ele agarrado aos meus cabelos, tocando o capim para saber por onde ia. Seu nariz aquoso pingava sobre mim, me virei para nos limparmos e chutei uma brasa que deixou uma farpa no meu pé. Meu marido, cansado dos meus acidentes domésticos, espalhou kits de primeiros socorros no banheiro, na sala e na cozinha. Já queimei a ponta dos dedos, já quebrei a cabeça, já me cortei inteira. Ele sai do chuveiro pálido e nu. Está duro e triste. Não tenho vontade de fazer nada, diz, nem de ver televisão. Eu faço *fuck* com meu dedo mais malcriado e vou lá fora, atrás do janelão recém-trocado, deixando o bebê sentado em frente ao fogo. Ao olhá-los tenho a mesma sensação que tem a aranha ao ser tocada pela água. Eu os observo

morta de frio. Meu marido procura uma toalha, a apoia sobre o sofá, se senta em cima e se deixa secar. Pouco a pouco vai amolecendo, e a pele fica laranja. O bebê tenta se levantar agarrando-se ao ar e cai uma e outra vez sobre a fralda. Eu os olho agora grudando a cara no vidro, meu hálito os apaga, os elimina da minha vida. Já está escrito, o bebê engatinha até a lareira e em segundos vai precisar do kit. Aposto que o pai nem se mexe. Poderia ser milionária se tivessem me dado todo o dinheiro que ganhei em apostas. E a ganhadora é... O bebê põe a mão nas brasas, o pai reage feito Bush nas Twin Towers. Eu o vejo sair correndo e procurar bandagens e anti-inflamatórios com a toalhinha na cintura. A toalha cai, não sabe como acalmar o menino, que não chora nem grita, despedaça o silêncio com grunhidos. Ele lhe põe Merthiolate na palma dos pés e das mãos. Seu sangue parece espuma. É um extraterrestre. Menininho vermelho revolucionário. Não entro porque sou uma marginal, não sei nem falar nem xingar, espiono a casa dos outros e faz dias que não tomo banho. Eu o vejo vir contra mim, contra o vidro, bufando pelo nariz, e sei que, quando abrir o janelão, vou ser um cisne negro e, quando começar a gritar comigo, vou ser um pato castrado. Vou entrar. Vou desistir de esperar que os céus desçam à terra. Vou refrear minha demência, vou usar o banheiro. Vou colocar o menino para dormir, masturbar o homem e deixar a insurreição para outra vida. Eu, que queria parir um filho não declarado. Sem registro. Sem identidade. Um filho apátrida, sem data de nascimento, sem sobrenome, sem condição social. Um filho errante. Não parido em uma sala de partos, mas dado à luz no canto mais escuro do bosque. Não silenciado com chupetas, mas embalado com meu grito animal. O que me salva nesta noite e no resto não é de jeito nenhum o amor do meu homem ou o do meu filho. O que me salva é o olho dourado do cervo, ainda me olhando.

O bebê chorava com falsas convulsões. Caiu água do céu, e o cloro não foi suficiente para impedir que a piscina oxidasse. O reflexo, agora mais espesso, desenhava as árvores retorcidas com suas plantas parasitas. Amarrei-o no corpo e fomos um canguru e sua cria trotando ao longo da propriedade com espinhos, abelhas e flores silvestres. Corremos sobre os montes de terra que os intrusos subterrâneos, já instalados, estavam deixando pelo meu parque. Andava sobre um grande depósito de centenas, milhares de minhocas. Saltei com o meu canguruzinho para esmagá-las. Machuquei os tornozelos e, enquanto trotava rumo ao verde espesso, arranquei de mim besouros e urtigas, me agachando em ritmo regular, o que dava ao nosso galope um jeito engraçado de macaco. Chegando ao bosque o desamarrei e o deixei andar ladeira abaixo. Um instante depois o perdi de vista, corri com os braços. Disse alguma coisa. Escutei um disparo e virei a cabeça com o mesmo ar intrigado dos bêmbis. Levantei as orelhas. O que foi esse estrondo? Onde está o bebê? Meu coração acelerou tanto que pensei que o veria esparramado entre as folhas caídas. Depois o procurei como só uma mãe procura um filho. Não correndo nem caminhando, não mediante ações físicas. Eu o encontrei deitado em cima de uns galhos mais altos do que os que eu teria escalado. Fazia tu-tu ma-ma com a mão. Mal caminha e conseguiu subir numa árvore. Pari um pequeno bárbaro. Subi e ficamos abraçados. Dali vimos a água migrar de um lado para o outro do bosque, agora já feito selva. Os pequenos crânios de coelhos. Vimos também a morte de um passarinho caído do ninho. O bico negro e afiado de sua mãe aberto de pavor. Dei para ele provar a água pantanosa do lago. Para comer as flores mais coloridas e perfumadas. Folhas para morder e beber a seiva. Imitamos sons dos animais e fomos parte deles. As aves diurnas e noturnas nos responderam, e houve esse grito sereno que se torna fúnebre no meio do som. Essa simpática vogal Aa que se torna uma consoante rouca, temível Orr. O pássaro que grita e é dois pássaros. São e malsão. Manso e assassino. Enfiei meu filho na água gelada e sem querer o batizei. Que Deus me perdoe. Vi que era branco demais para ser real. Não era um menino, mas um quadro, um esboço de menino, o arquétipo. Tinha desfalecido. Como animais que parem crias mortas na metade do caminho e

ficam ali durante dias depois do nascimento, chutando-as para que ressuscitem, eu o sacudi e o embrulhei em minha carne vermelha. À meia-noite se reanimou. Já terminada a hora entre o cão e o lobo, é o turno do morcego. Eu o empurro com as patas, o exorto, mas continua ofegante. Em torno de nós, a estrada, e mais além as cercas eletrificadas das vacas brancas de chifre curto. Estávamos em uma área de caça. Umas vozes dizem nossos nomes que já esquecemos. Procuram por nós. Blá-blá-blá ou cocoricó, dá na mesma. Seria melhor se fechassem o bico. Os animais zombam deles. O cervo se detém, embalsamado, os olhos de vidro. Está comoventemente quieto. Ele é meu homem, ele que sabe olhar para a minha tristeza infinita. Os outros são apenas homens. De que serve ser um deles, se o idioma que falam não basta. Ao meu homem falta humanidade, é verdade, mas quem quer humanidade. Meu filho puxa sua orelha triangular e sua trufa negra, mas o cervo não ri. Dissimulemo-nos na paisagem, cubramos nossa pele de terra e verde. Gritam mais alto. São os vizinhos levando lamparinas que querem nos arrancar de nosso enselvamento. É o papai. Tem meio mundo lá em cima, mas ninguém nos faz bem. A multidão faz mal, é uma pontada.

O telefone tocou, deixei o bebê com a fralda pendurada e mal consegui dizer qualquer coisa. Oi, mmm, isso, isso. Será que o tom me delatou, poderia ter dito como vai a família? ou vai cair um temporal. É sempre o tom e a maneira de fixar os olhos, de entreabrir as pálpebras, com rudeza. A língua seca ou encharcada. Ouvi um grito, estão matando meu filho. Ou estão agarrando um bezerro pelo pescoço. Alguma coisa é. Um matadouro organizado lá fora. Mas é aqui dentro. Meu marido se aproxima e penso que chegou a minha hora. Engulo, mas não tenho o quê. Tudo ele levou embora. Ele me deixou uma boca pela metade, pedregosa, uma boca de ar áspero. Meu cônjuge escutava tudo atrás da porta, o dramaturgo da minha vida é tão medíocre. Em resposta, me disse que desligasse, deixasse o bebezinho com a avó e saíssemos para praticar direção, que preciso tirar a carta com urgência, que não posso ser tão inútil, que tal que eu de repente tenha que sair correndo porque aconteceu algo com nosso filho. Que o pessoal daqui não tem tanta margem para ser imbecil. Tenho a sensação de que assim que eu entrar no carro ele vai me estrangular com o volante. Você está destruindo a embreagem, troca a marcha, troca, grita. Era a hora em que as moscas deixam em paz os olhos do cavalo depois de tê-lo torturado a cada pestanejar durante todo o dia, em filas negras, em redemoinhos escuros, elas vão embora e os deixam sós e cegos. Os animais nos seguiam intrigados. E, enquanto minha família sucumbia às radiações da infidelidade, meto a mão no arame farpado que separa as bestas dos homens e espero que o cavalo se digne a galopar com as ventas abertas e liberar sua sofreguidão. E inclusive quando escuto a palavra divórcio e documentos penso na experiência suntuosa que seria estar jogada no chão de uma paragem imunda perto de um cemitério municipal. Bosta e palha ao redor, mas ter um corpo faminto em cima, que não é um cadáver, que não é um prisioneiro de guerra, o luxo de ter sobre as tripas um homem inteiro, pés e cabeça sobre mim. Um camponês caminha com um fuzil no ombro, uma árvore torta o perturba e ele atira para matar. Tatatatátá, teria querido lutar no front. Enche o tronco de buracos, mas não cai. Cambaleia e continua em pé. Meu marido finge que não está chorando. O cara em cima de mim se mexe em ondas, me pega pelo pescoço, me afunda, não vejo os fios que

movem a paixão e continua sendo apaixonante. Desce o pano. Advogados e dissolução da família em comum acordo. Cifras, assinaturas, leis, papelada. Mas isso não vai acontecer. Procuro alguém que possa me perturbar como faria um animal moribundo. E quando desejo sou uma vaca com a cabeça presa. E se desejo sou um cervo entrando no bosque como um noivo na igreja.

Recordo o que já não está. Uma ilha habitada por homens que procuram beleza e só a encontram na vastidão do encerro. Reconheço meu sadismo. Digo que não existe possibilidade sem alma, como não há imagem sem o outro. Mas não tenho outro. Nem alma. Escreverei o sinal fatal sobre seu ventre e iremos embora rumo a uma terra úmida, me prometeu um jovem apaixonado. O que foi feito disso? Essa noite está a cem mil noites daqui, e o apaixonado está perdido. Continuo esperando que ele apareça entre as espirais que surgem da minha boca. Trago gravados odores como o de fogo-fátuo, o de mãos na penumbra, o de um ombro macio, o de uma garganta endiabrada. Terminou e todos foram embora. Continuo sendo uma pequena bruxa que espera enfeitiçar. O vizinho sucumbiu a uma overdose de heroína com seu bebê nos braços. A das janelas tapadas se asfixiou com a fumaça de seu próprio fogo. Os animais se extinguem antes de se reproduzirem. Isso é morrer por estas plagas. Por outro lado, nas minhas noites ensolaradas na ilha, tudo era tertúlia, sonho, beijos furiosos. Por outro lado, na época dourada em que existi, tudo foi fruição de sexo redivivo. Uma onda de antipatia pelo mundo brota do âmago. Não sei o que pensarão as bestas que agora formam um círculo e me olham pasmas, a mandíbula desgarrada do corpo. Caio de joelhos. Se um local passasse com um cesto procurando cogumelos e frutos, pensaria se tratar de um ato de misticismo.

agora quem o espiona sou eu, de bicicleta. O marido na estrada, ou ao menos isso ele disse, o nenê a salvo na casa da avó. Com certeza está sendo bem alimentado, e de quebra ela aproveita para dormir com alguém. Dentro do seu lar, o pai acalma as convulsões de seu anjo sem cérebro. De seu peixinho sem escamas. Eu o vejo se balançar apertando-lhe os ossos. Arrebrandando seu quadril. Os olhos dela revirados com o deleite paterno. O que faz o pai com a filha. A menina protesta. Baba na cara dele. Uma lobinha enjaulada e malcriada. O pai a aperta demais. Ele a puxa pelo cangote, lhe dá beijocas. O lado esquerdo do cérebro é achatado, puxou à mãe. Não fala, não anda, não senta. Não chora. Não bebe água, não fixa o olhar nem em sonho. As convulsões acabam. A eletricidade abandona o corpo, deixando-o lasso. A filha fica abatida em seu berço, as pernas e os cachos de fora. O cérebro sem relevo não impede que o corpo siga seu curso rumo ao apodrecimento, que menstrue, que deixe de menstruar. Eu a vejo ensacá-la com um acolchoado de plumas e fazer dela um faisão, com seu anel de plumas brancas em volta do pescoço. O que pensará ela?, lembrará disso quando tiver memória?, que se dirá, sem palavras, sem linguagem? o que se passa em sua cabeça defeituosa? Uma menina em estado de senilidade. O pai a nina, acaricia seus tornozelos. Meu desejo é o suficiente para entrar pela janela com um golpe seco do punho e violá-lo de pé diante da respiração infantil, diante das estrelinhas fluorescentes do teto. Meu desejo o invoca com os olhos fechados e meu cérebro pensante treinado em argúcias retóricas se achata. Ele olha para a noite como se olha um baú no mistério do oceano, e eu me escondo como um rato sob um móvel. Ele sai de chinelo, o cinto pendurado, e toma a precaução de pegar um ferro antes de ver o que se mexe no meio do capim. É um homem das cavernas com o cabelo solto, os joelhos arqueados, é um primata. Retrocedo e caio numa vala. O barro destroça minha feminilidade. Ele aponta para minhas patas. Tem vontade de decapitar o intruso para se sentir um cabra macho. Um pai de família. Para clamar desde sua caverna. Toca meu ventre com o ferro e o afunda na minha carne flácida. Cheira as axilas para tomar coragem. Jogada no buraco só quero tirar minha saia em um quarto que dê para o rio ou da qual se sinta o rio vir com suas pedras pontiagudas. Minhas

pernas sobre as do pai alto, ossudo, tirar a saia e pôr minha calcinha na cara dele, o quadril nas sobranceiras dele. Fazer esses olhos ficarem mais vesgos. Fazer sua boca ficar fúcsia. Seu ferro me tateia o pescoço, no horizonte campestre não há animais, eles se deixaram levar pela corrente. O ar está coberto por uma cinza fina. Ele volta a me apalpar e eu me sacudo. Afinal reconhece meus movimentos e me resgata puxando meu dorso barrento. Da janela ouvimos sua pequena uivar. “Senhor, dê-nos a paz que a Terra não pode nos dar.” E em seus braços ouvi o bwa bwa bwa ou pfa pfa pfa da água contra a costa às vezes de pedra, às vezes de cimento, às vezes uma inclinação suave resvalando em direção à margem. É a hora do jantar, do mosteiro, das ruínas. Ele me guia pela mão até sua casa, mas entro sozinha no sótão, não faço ideia de onde ficou sua mulher. Uma cama simples, uma cadeira, uma tapeçaria romântica bordada pela outra. Não é preciso mobiliá-lo. Entra e fecha com a chave de ferro. Lá embaixo na casa elas vão achar que somos dois roedores dançando tiqui tiqui tiqui. Sua presença me deixa zozna. Ele me pega pelo pescoço e me aspira. Eu o deixo ir, ao meu corpo. Que se queime, que se avermelhe. Ele tira a roupa e deita seu metro e noventa sobre mim. Os pés para fora do colchão. Nós nos mutilamos e me vejo refletida como um caleidoscópio. Minha boca aberta são várias bocas. Giro e subo nele felinamente, se pudesse o teria sodomizado. Um roedor que sodomiza. Gozo, perco a noção. Não é dia nem noite nem sótão nem campo. Mas antes olho sua cara e faço o impossível para guardá-la. E obviamente não consigo, e vem como uma avalanche a escura luz da manhã seguinte na qual estaremos um dentro do outro.

e assim se levantou da cama estreita no meio da noite enquanto eu continuava nua. Tinha me deixado um bilhete nada lírico. O começo do espanto seco. Algumas horas antes tínhamos levitado, mas o que é no dia seguinte a noite anterior. Saltei da caminha com a boca descascada. Lá embaixo, os três tinham ido fazer compras. Quantas vezes entrou e saiu de mim, o ar do sótão feito de mel. Quantas vezes o desejo roçou o insuportável, a boca de um jacaré aberta a não mais poder. O rio me arrastou e fui um galho seco. Pedalei os vinte quilômetros até a minha casa querendo vomitar. Pedalei e pedalei sem me afastar do seu gosto na minha saliva. O desejo me seguiu por toda a estrada, pegajoso, malcheiroso, servil. Quero um tratamento agressivo com laser para esquecer sua mandíbula, para me desfazer de sua testa. Distante entre rolos de pasto embalado um jovem que nunca vi se equilibrava sobre a roda traseira de um *scooter*, de seu lábio inferior pendia um cigarro. Talvez meu filho em alguns anos. Sigo pedalando com minhas pernas longas e gostaria de escoicear o chão como uma égua velha.

já se passaram cinco semanas, e para mim não é claro se isso te afeta. Para de contar, pode ser?, é horrível. Cinco semanas, 35 dias, 840 horas, não consigo parar de contar. Vai ter que, porque assim não dá, e não são cinco, são três, ou você se esqueceu de quando voltamos de férias? São cinco! Foi uma noite que você chegou de viagem, lembra. O dia em que passou o programa dos caras presos na ilha pela última vez; eu insisti e depois de brigar ficamos juntos no sofá, cobrimos com uma toalha, lembro da posição e tudo, e depois vimos o final comendo batatinha. Para mim a gente fez outras vezes depois, nenhuma na viagem por acaso? Mas não quero discutir. Não, eu lembraria. Como é, você anota cada vez? Não preciso anotar. Bom, você que sabe, quer agora? Como você quiser, esta noite, se achar bom, mas não se for por favor. Alguma vez eu fiz por favor? Você acha que eu deixei de notar como você é linda? Depois ou antes do jantar? Melhor depois. Lá pela meia-noite? Sim, meia-noite, combinado, depois que ele dormir, mas, repito, por favor, não. O.k., a gente antes vê o noticiário, parece que lançaram mísseis outra vez. Serão mísseis ou as batidas do meu coração? Desconcertá-lo não é difícil, mas se o faço rir por trinta segundos ele vai aonde eu quiser. Não será o cigarro que fez sua libido cair? De qual queda de libido você está falando? Deixá-lo bravo é o que há de mais fácil. O cigarro tira a vontade. Não fala besteira, o cigarro não me faz mal nenhum. Então por que você nunca tem vontade? Que vontade que eu tenho que ter? Mas depois do cigarro do jantar, do cheiro de comida acumulado na pia e do café, fui procurá-lo com o ombro de fora e ele disse que estava deprimido, *tô deprê*, escutei como um gargarejo no fundo da baforada de fumaça. Tinha os lábios e as gengivas cheios de alcatrão, então por via das dúvidas eu segurava a respiração para evitar seu hálito. Fiquei vagando depilada, de calcinha nova, de banho tomado. Fiquei ali para o caso de ele me pegar pela cintura, de ele meter a mão em mim, para o caso de ele ter vontade de me tacar contra a parede ou o sofá como da última vez, há cinco semanas, não, três, se fossem três estaria melhor e as férias não contam. E nada. Nada mesmo. E isso mexe com meus nervos, faz meus caninos baterem feito castanholas. Xingo ele, faço um *fuck you*, me nascem cascos. Vou ao banheiro, fecho a porta e me jogo no ladrilho frio. E enfio os pés no

chuveiro. E me remexo em espasmos. Para ninguém. Meu marido quer cagar. Não o deixo entrar, pequena vingança, ele que agunte. Eu me aguento também, sou uma cobra no cio enroscada entre o bidê e o vaso. Vai, me deixa entrar, por favor, depois a gente faz, prometo. Ele me chantageia, agora que se foda. Eu imploro, não fode. E eu trepada no vaso faço todo um discurso existencial com toques filosófico-psicoanalíticos e, quando termino o monólogo, ele diz isso tudo está dentro da tua cabeça, não disse nada além dessa frase. No final saio porque fico com pena, me dá um selinho sem graça que não serve para me aliviar, preciso de um búfalo e me dão um porco-espinho. Ele me empurra, me põe pra fora. Eu o ouço defecar, o som da água caindo. Espero na cama. Leio alguma coisa, mas só penso em saciar meu corpo que me persegue ofegante, suando. Largo o livro. O bebê dorme torto, tossindo como um empregado de uma fábrica de tabaco cubana. Eu o ajeito e durmo, meu marido ainda lá no banheiro brincando com o telefone. Acabo tirando o sutiã, o aro me machuca, acabo trocando a calcinha, esfrego a cara e me encho de creme. Depois, nada. De madrugada acordo com uma gritaria aguda, como trombetas. Um assovio enrolado. Na sala o fogo apagou, sopro mas levanta poeira, e a cinza entra no meu nariz. Cuspo. Espirro. Ela me dá alergia. Sangramento nasal. Tento acender o fogo. A agitação continua. Lá fora se misturam os homens e os animais. Aconteceu uma batida entre um caminhão de galinhas e um carro levando uma família-modelo. Ou uma canguru está parindo uma manada e ficaram entalados. Saio descalça. Fico encharcada, escorrego nas pedras, procuro o enxame de vozes e grunhidos. Vou até a estrada, ao bosque, ao descampado onde os turistas vão fornicar deixando seus dejetos de plástico cheios. Vem do céu. Centenas de pássaros se entrecruzam, enredados. Ninguém os guia. O norte e o sul confundidos. O bebê chora sua cota de angústia matutina, seu pesadelo de lobo faminto entrando pela janela. Dorme sem detector de incêndios. Eu o meto na cama com meu marido. Faço com que se abracem, estão ferrados no sono, aspiram o ar de suas bocas. Meu rebento vampiro vai ser fumante. Saio de novo. O céu me atrai pela primeira vez. Os pássaros se desarranjam e arqueiam a corcova como touros. Até que um vai para o sul e o resto o segue, berrando. No quarto o encontro debaixo da cama gritando desembestado, parece mais um pássaro. Não sei o que estamos fazendo do nosso pequeno deformado, da nossa carne. De nossas vísceras unidas. Estamos deixando que se crie entre arbustos e ossos. Estamos deixando que se arranhe, que apanhe. Como é

que você deixa ele comigo se você vê que estou dormindo?, na cabeça de quem passa isso, disse, e dormiu de novo. Eu me deitei entre meu marido e nosso filho. Olhei-os respirar. Soltar seu bafejo adormecido. Olhei uma cara, olhei a outra. A mim, no meio. Cansei de seus traços, me assustei ao ver que, depois de muito olhar, deixei de reconhecê-los.

Às sete em ponto o bebê acordou, sem se importar com o fato de que fosse domingo. Seu relógio interior não falha. A neblina tapava o campo, podia ser praia ou deserto. Podia ser um sonho branco, um *delirium tremens*, mas era a porra da realidade. Já era quase inverno e não se via nada além da lenha amontoada na porta das casas. O resto do dia todo vou ver voar a cinza queimada. Passei a manhã xingando o bebê. Disse tudo que há de mais feio. Ao bebê. Disse tudo quanto é coisa, xinguei de tudo que é nome. Uma mãe boca-suja. Enchi o coitado de impropérios. Espero que não reconheça nenhuma palavra, que mais tarde não repita, na frente de todos, pau no cu. Ficou me olhando e dizendo; mamãe, xixi, e eu o mandei fazer xixi sozinho, comer por seus próprios meios. Esse domingo de inverno começou mal. Foi de mal a pior e não eram nem duas horas ainda. Estou cansada de não ser correto andar por aí dando tiros de espingarda ou ofendendo o bebê. Passamos o dia no torpor do gás saindo dos canos, pois para mim algum vazamento tem, alguma coisa arreventada, senão, não tem explicação este cheiro de podre, disse uma vizinha com o vestido desabotoado. Para mim é por isso que o meu marido continua ferrado no sono, e um dia vai acontecer. De tanto em tanto passa um caminhão na estrada. Saímos, o bebê e eu, cobertos com pulôveres de lã de cordeiro e ele diz vrum vrum, enquanto respiro ofegante. Lá dentro o fogo continua ardendo.

acabávamos de acordar do fim de semana e já estávamos brigando. Às oito e meia soltei o primeiro grito, às nove e vinte ameacei ir embora, às nove e cinquenta disse que faria da vida dele um inferno. Às dez e dez estava estancada feito um carneiro no meio da estrada, mala na mão, chapéu de palha, moscas nos tímpanos. Todos vão se esquivando de mim, passando rente, me evitam por um centímetro as bicicletas, os guinchos, os cachorros mancos. Todos vão me dando buzinas, me xingando, se manda, sai daí, os carros dos vizinhos. Temem passar a noite na delegacia dando explicações, ninguém quer pagar um advogado, se meter em assuntos de justiça. Fogem da burocracia da lei. Um homem de uniforme azul é o demônio. É o de menos me ver atropelada a um lado do caminho. É o de menos que o meu corpo torto com sangue marrom fique esparramado entre a fossa séptica e o galinheiro. Ou que o meu corpo voe e se estatele contra uma garagem de lata. Quando muito, têm piedade, mas não de mim. De deixar um pequeno sem mamãe. Todos dizem essas coisas nos velórios de jovens drogadas enquanto se servem um pouco mais de café. Pobre do pequeno que fica sem mamãe. Pobre órfão. Ninguém chora a desgraçada com seus braços cheios de picadas e o ardor de uma vida opaca. Todos mimam o filho que engatinha perto do caixão. Dão biscoitinhos e é um fofo. E eu neste outono-inverno ácido continuo parada no meio da estrada. Não sei por que fico aí, como um bicho, as antenas de pé, um espantalho, a mala com que cheguei cheia de roupas e livros. Gosto de andar descalça no asfalto, ter os pés cinzentos. Meu marido desmonta a piscina de plástico e verte a água oxidada no jardim. Milhares de formigas se afogam, mas ninguém se importa. Espero uma ligação. O murmúrio da autoestrada é um ruído cerebral, os carros que passam como flechas são minhas ideias. Espero uma ligação e confundo o eco da autoestrada com o do telefone, um miado e eu respondo alô, uma martelada e pego o telefone. Tudo é uma grande distorção. O carro miniatura do meu filho vrum vrum pode me atropelar. A serra do cara no alto da escada com a calça caída é um grito de gozo. O dia inteiro com o celular ardendo na minha mão e ele nunca ligado. Vou e venho pelo caminho, as pedrinhas entre os dedos dos pés enquanto a testa do meu bebê dispara. A moto também não passa. Desejar é como ter um caramelo

grudado no pescoço, no couro cabeludo, na jugular. Até que o meu marido vem me buscar quando já não se vê nada. Nem mesmo os frutos mais brilhantes, nem as placas vermelhas de STOP. Meu marido vem assobiando o triunfo. Faz sinais e suas mãos são rajadas platinadas, parece que está ajudando um avião a estacionar. Pelo menos enfia o carrinho, grita para mim. E da ponta dos pés até a cabeça sou uma sombra. E sim, já vou, já entro, vamos jantar, ver televisão, nos deitar. Dá para ver o fogo na lareira torta da casa. Calor doméstico, mas meus olhos incendeiam tudo. Fico um pouco mais na estrada. Intoxicada, viciada, envenenada. Meu filho aponta para um galo e diz cocoricó. Cada vez falamos pior. Vejo aranhas-zumbis caminhando em fila indiana. São os dedos dele, que me acariciam, culpa do desejo, esse apetite destruidor. Você mediu a febre dele hoje?, escuto sua voz saída do nada. Não lembro. A febre sobe. Vai a quarenta. A minha também, mas quem cuida da saúde da mãe. Primeiro eles. Deveria ligar para a emergência e no entanto não me mexo, não consigo dar um passo, continuo no acostamento, rente aos carros que não me veem. Olho o vento que balança o pasto, que o ondula, o separa da terra. Olho para a natureza, ela me olha. O desejo é um alarme que não consigo desativar. Meu bebê mastiga a chupeta e a despedaça, nham nham. Meu bebê quer ser adulto, calça os sapatos e toma todas. Como seria bom. Começar do zero. Meu rebento me dá um belo dum soco, pum no lábio inferior, dizendo não, mamãe! Mamãe, não!, levanto o dedo para ele e lhe digo com um gesto de mãe extremosa: isso não, hem?, e ri da minha cara. Você vem? Já vou, diz minha voz de dentro da noite azul do campo. Terminamos a noitada em uma ambulância os três e depois de volta para casa abraçados. Antibiótico e compressas de água fria. Nem mesmo cavar uma fossa, um buraco, seria suficiente. Teria que jogá-lo no deserto, para que as bestas o devorassem. O desejo.

Eu queria que tudo terminasse rápido ou que fosse em uma situação de legítima defesa. Não que pensasse seriamente em matá-lo, mas, naquele momento, com aquela luz, estava tentada. Ainda por cima o cachorro que não parava, não parava e late, late, ele late para as rodas dos tratores estacionados o idiota completo, cortem-lhe de uma vez por todas as cordas vocais com um estilete. Que terminasse rapidinho, e vida que segue. Não é que o fosse matar debaixo daquela lua, mas tudo é questão de segundos. E aqueles segundos eram, como explicar, naqueles segundos me senti à vontade com o perigo. Uma espécie de comunhão erótica com uma pá que estava por ali, com um ancinho, com o fio do canivete enferrujado que meu marido levava pendurado na bombacha e que balançava feito um sino. Isto é, eu não sou de jeito nenhum uma assassina. Não tenho esse perfil nem combina comigo a história trágica para poder me safar com aquela de agiu sob violenta emoção. Não fui violentada pelo meu avô ou pelo meu tio, eu tive infância, mas a esqueci. Não me lembro de nada anterior a ontem, quando pus o pé na estrada. Vou dar trabalho para os especialistas. Sou fruto de uma família normal. Normal demais. O advogado da outra parte esfrega as mãos. Uma família normal é o que há de mais sinistro. Mentira. Ou não há nada mais sinistro do que ser fruto de uma família normal. Os demônios vêm da mamãe, eu os criei, alimentei, engordei. Vai se casar com ele, vai acabar tendo três filhos, porque um atrai o outro, igual se acende um cigarro no fogo do outro. Vão comprar esta casa ou outra maior que a gente veja na internet, com uma piscina de verdade equipada com barreiras com alarme de segurança para quando uma criança cair na água. Estou dizendo. Peço um segundo. Pergunto, enquanto se sacode atrás de mim, se eu cair de joelhos e me machucar, se quebrar um osso, se aprender a rezar, existe alguma possibilidade de fazer o tempo girar, ainda que em falso, ou esta história vai acabar com a mãe que se esqueceu de ligar o alarme. E foi aí, depois desse pensamento que eu já não chamaria de sombrio, mas de realista ou luminoso, que alcancei o máximo fulgor e tateei a arma. É preciso ter extremo cuidado com o fulgor. Quando a mente, por pior que funcione, refulge. Não zombo dele, mas está ridículo atrás de mim, a pélvis para a frente, meus olhos fixando o toldo verde que o vizinho usa para

cobrir suas tralhas. Como acumulam tralha no campo. Quanto mais espaço têm, mais enchem. Gavetas, estantes, barracões lotados de tranqueira, era o caso de fazer uma fogueira. Não estou assumindo que queira lhe cortar a garganta. Digo apenas que a submissão me irrita. O cachorro continua latindo. Para quem, não sei. Meu corpo está seco. Sequinho. Secão. Vamos colocar a culpa no frio. Fui embora sem saber se estava pisando na cabeça dele ou em esterco. Menos mau que tudo terminou rápido, muito.

acordou olhando para o marido lendo jornal em uma espreguiçadeira listrada. Escutou quando folheava, viu que artigo de qual seção ele lia. Escutou-o pigarrear. Viu que descruzava as pernas. Quando vou começar a sentir que está morto?, quando vou poder rezar por ele? São perguntas difíceis de responder às quatro e meia da manhã, mamãe. Toma alguma coisa e vamos dormir. E bufou de impaciência. A cama da minha sogra marcada pelas tentativas de dormir. Vai, dorme. Mas ela, impossível. Suas pálpebras pesadas. O que é um homem que morre?, disse de pé do alto de seu velhíssimo tesão. Você está perguntando isso para mim?, disse eu, afundada no meu pijama. Os quadros, os santinhos, as fotos. A roupa empilhada, as toalhas, o perfume. E a escova de dentes, o pente, as meias. Sua pomada, seu talco, seus livros marcados. E sua poltrona, seu cachimbo, seus fósforos. E suas cuecas, suas camisetas, seu creme de barbear. E sobretudo nada disso. O jeito de respirar, a marca que seu traseiro deixa na almofada, o hálito matinal, o barulho de cabra ao mastigar, ao se espreguiçar e o estalar os dedos quando fala com você. Seu corpo quieto numa cadeira ou de pé. Ou apoiando as costas contra a parede. E muito mais que tudo. Um jeito impalpável, imprevisível de olhar as coisas, uma varejeira, uma larvinha, um pedaço de terra infértil. Um desejo não cumprido e, no entanto, feroz o bastante para incendiar uma aldeia inteira. A figura de um homem no caminho. De longe não sabemos o que é. Uma cabeça. Um crânio que vai enfeitar uma prateleira. Minha sogra pergunta e pergunta. O que que eu posso fazer, olhar para o céu? Toma o chá, mamãe. Vai. O filho se preocupa com sua saúde. Quando os pais sofrem são filhos. Continuo encolhida no sofá perto do fogo apagado. Eu me olho calçando chinelos, quero ser Heidi. Mas entendo minha sogra a ponto de querer correr e me enfiar no seu peito. Enfiar os dedos nos olhos dela. Eu a compreendo a ponto de querer entrar no roupão dela. Poderíamos ter quatro mãos, talvez a aliviasse. Não digo nada. Fico ali amoldada, uma nora mosquinha-morta. Fico olhando abestalhada para o armário com seus mil frascos de doce caseiro feitos pelo sepultado, verão de 1994, verão de 1997, outono de 2002, cada um com sua etiqueta. É violento demais de entender. É preferível calar, é o que eu faço, me faço de tonta. Meu marido mexe para

ela o chá de ervas, se nega a pôr açúcar, lhe faz massagenzinhas, lhe diz não tem nada a fazer, mamãe, papai não está mais aqui, não há palavras que sirvam, o consolo não está ao alcance dos homens. Que a terra lhe seja leve, ele diz, e pfff, que chatice. Esse discurso sobre os mortos me irrita. Ele não sabe como parar a bala que cedo ou tarde a alcançará. Acha que ajuda ao fazer as coisas para ela. A guilhotina está no ar, mas seu olfato não percebe o cheiro do metal prestes a cair. Mãe e filho se abraçam, mas a mãe está ausente. É incessável esse balão sacudido pelo vento. Essa coisa leve que atravessa um céu descampado e é devorada pelas rajadas. Eu a olho como se não pensasse, ombros encolhidos, como se olha o convalescente, aquele que se apaga enquanto nós continuamos de pé e olhamos de soslaio a hora. Lamento que não continue cozinhando para mim, enchendo a casa de perfume, dando pão com manteiga para os pombinhos. O que é um homem que morre?, o que foi feito ou não da sua vida? Já são seis da manhã, sogrinha, digo, relaxe, e depois ninguém responde. Nem tem por quê.

Chego bem na descida do bosque e escuto no rádio uma mulher falar de *Mrs. Dalloway*. Pego o programa começado, mas mesmo assim percebo que falam do livro. Até onde você vai? Meu marido desce do carro em movimento, puxa o freio de mão para ele não ir dar no lago. Hoje você foi bem, diz, está dirigindo cada vez melhor, falta aprender a dominar o carro nas curvas e a marcha à ré. Eu o vejo se distanciar e colocar pregos no novo terraço. Fico fechada dentro do carro com os vidros embaçados, aumento o volume, tiro o pé da embreagem. “*Mrs. Dalloway* é um romance sobre o tempo e a interconectividade da existência humana”, há quanto não escutava esse léxico, interconectividade. Puta que o pariu, tento girar a roda de plástico, mas este assento não reclina. Meu marido me vê xingar de longe, lê meus lábios e sorri com um cigarro atrás da orelha, é um vendeiro. Como eu veria este mesmo bosque, este espírito camponês, minha casa meio construída, esse homem instalando vigas de madeira, se um crítico dissesse que o que eu escrevi trata da “interconectividade da existência humana”. Rio, uma gargalhada nervosa. No outro dia estava tentando ler alguma coisa quando escutei umas patinhas fazendo tic tic tic e vi um rato passar tranquilo debaixo da minha estante, tive que chamar o vizinho, que veio armado com um pau, depois trouxeram um gato cinza que andava passeando pelos bueiros e o soltaram no meu quarto, farejou por toda parte, me encheu a cama de pelos, mas não fez nada, de modo que agora eu leio com uma ratoeira de cada lado. Falam de Septimus, o personagem herói de guerra traumatizado que também batalhava contra uma depressão maníaca e a loucura e que se jogou pela janela, no romance. Penso nos efeitos paliativos que poderia ter sobre minha vida escrever ou me jogar pela janela. Quem escreve não precisa de uma jaqueta de couro porque no seu universo é verão. Ponho a mão na alavanca do freio. Em algumas noites é um alívio saber que ao entrar tarde em casa com a língua pastosa não vão aparecer serpentes nas torneiras. Nunca, isso é impossível. Ainda que um tigre na sala, isso sim. Que alguém possa falar de um personagem meu como falam de *Mrs. Dalloway*. Desligo o rádio e tento escutar os pássaros falando em grego, mas essa é uma herança envenenada. Como seria, como seria, me pergunto chutando o volante, puta que o pariu, enquanto eu caía

no sono ali, com o assento meio reclinado, as patas marcando o vidro. Muito mais tarde abri um olho e vi um melro negro com o bico bem amarelo saltar na minha direção.

Quero ir ao banheiro desde que acabou o almoço, mas é impossível fazer qualquer outra coisa além de ser mãe. E dá-lhe choro, chora, chora, chora, vou ficar doida. Sou mãe, pronto. Eu me arrependo, mas nem posso dizer. Para quem. Para ele, sentado nos meus joelhos, metendo a mão no meu prato com seus restos frios, brincando com o osso da galinha? Não! Deixa isso que você engasga. Jogo um biscoitinho para ele. Ele me devolve. Tenho a boca cheia da sua saliva, de migalhas. Tenho tomate grudado no braço. Não o deixo terminar e lhe meto outro biscoito, ele se entala. Não me preocupo com o que possa pensar de mim. Eu o trouxe ao mundo, já é o suficiente. Sou mãe em piloto automático. Choraminga e é pior do que o choro. Eu o levanto, lhe ofereço um sorriso falso, aperto os dentes. Mamãe era feliz antes do bebê. Mamãe se levanta todos os dias querendo fugir do bebê e ele chora mais. Quero ir ao banheiro, mas esse cacarejo interminável, essa queixa, faz com que seja impossível. Que quer de mim. O que você quer? Não me deixa deixá-lo. Arqueia-se. Ontem tive que ir fazer com ele, hoje prefiro fazer na roupa. Ligo para o meu marido. Preciso de reforços. Enquanto ligo eu o levo pendurado em um ombro, vai me destroncar, gruda algo viscoso no meu umbigo. Atende, por favor, atende. Oi, escuta, amor, você precisa vir não aguento mais. Não, não dá para demorar tanto, você tem que vir já, você não está entendendo, não está querendo entender, não aguento até de noite, e desligo na cara dele porque ele se faz de desentendido; que pelo menos se assuste e venha. E ficamos rodando enredados no cabo para o caso de ele ligar e o levo até a porta para ver se passa alguém a quem eu o possa dar. Mas não há vizinhos como os que preciso. Há bastardos. E se eu bater na porta da velha que vive com as janelas gradeadas e suas tartarugas agressivas? Certamente poderia distraí-la, seria como ter uma televisão, como ir ao cinema. Ninguém passa, ninguém o quer, nada se mexe, ar parado dos diabos. Eu o deixo largado aos meus pés. Ele se retorce, se estica, grita comigo, arranca a fralda e desabotoa meus sapatos, come a tira de couro. Eu o olho como um caranguejo olha para um menino. Um carro de corrida passa com uma família. Têm a cara para fora das janelinhas. É noite e continuo apoiada na porteira, me vejo grávida, quando achava que levava dentro de mim uma

gárgula. Eu me vejo parindo, expulsando. Picam a gente, tenho que entrar e acender a lareira, tirar o almoço repleto de formigas vermelhas levando comida para o inverno que vem. O pai nem piscou. Eu o levo nas costas e entro com ele suado e faminto, as unhas afiadas. Tenho que fazer macarrão ou sopa para ele, ir pegar alguma verdura na horta do vizinho, mas me dá leseira. Ser mãe é tão pouco excitante. Morro de vontade. Uma bola se forma dentro de mim. Eu o deixo cair, cruzo as pernas. Corro e me fecho. Chora como os asiáticos nos enterros rasgando as vestimentas. Não aguento e abro a porta para ele, penso quão asqueroso é isso tudo.

Você nunca está *cool*, nunca está zen. O caminho inteiro as mesmas palavras. Você nunca está *cool*, nunca está zen. Cruzo e descruzo as pernas. Do peito eu nem te conto. Atrás vai meu filho, na cadeirinha. De um lado e do outro, cidadezinhas e cidadezinhas, a colina mostrando a paisagem que poderia ser bela. Seja normal, se acalme, diz e desce, entra na padaria. Eu também desço, atravesso, olho para o carro da rua. O filho não perde de vista o pai, que compra pães doces, que escolhe atrás do vidro, esse é feito com que tipo de chocolate? E tem de creme de confeiteiro? Quantos levo, amor? A padeira de olhos pendurados no nariz espera com a pinça. Os dedos recobertos de açúcar. Dou só uma olhada e volto até o lixo. Não sei o que dizer. Vou e venho pela rua. Meu marido sai com um pacote de papelão, que coloca sobre as minhas pernas. Cuidado com a caixa. Comprei seis. Três e três. Dois de cada um. Minha mão está na maçaneta. Treme. Arde. Vejo no jardim um trio de animais, um atrás, o outro cheirando-lhe o ânus. Isso me tira a pouca fome que tinha. Meu estômago se revolta, fazer sexo com este frio. O carro gira numa curva. A caixa cai, fica creme no assento. Gritaria. Salvo os doces como posso, ajeito-os. Meu marido os olha com desprezo, ficaram as marcas dos seus dedos, diz. Tento disfarçar, aparece mais. Você nunca relaxa. Nunca vejo você *cool*. Você destrói tudo. E acende o cigarro no carro, coisa proibida na nossa família. E eu deixo porque enfim. Que família o quê. E a janela aberta em cima da garganta do bebê tomando antibiótico. E bom. Chegamos na casa dos amigos tossindo os três. Um grande tapete bege, uma portinha que dá para as folhas de outono, as bicicletas enferrujadas dos meninos e estepes de carro. Uma tenda armada no meio da sala, um cachorrinho branco beijando a boca de todas as crianças. Uma chaleira, caixas com os doces dos outros, guardanapos, colherinhas, cochichos. Lindo ambiente. O dos outros. Tanta gente civilizada me surpreende. Estão penteados, perfumados. Oi, tudo bem, quanto tempo, o que têm feito, a gente anda por aqui. E vocês? Abraços, tapas nas costas. Tapinhas nas costas. Abracinhos. Todos ao redor de uma mesa dizendo-se Feliz Ano-Novo, apesar de já ter passado há muito tempo. Diante de nós um espelho. Ninguém dolorido, ninguém meio louco, ninguém falando dos mortos. Enfeites do último aniversário de um dos

meninos. Titi, não coloca isso na boca, sai daí, não! As escadas! Venham tomar um lanche, crianças! Quem quer um leitinho? Venham para a mesa, meninos. E vocês? O que ele toma? Pela primeira vez nos olhamos, meu marido e eu. O que ele toma? Qualquer coisa. O mesmo que os outros. Não trouxe o lanche dele. Esqueci. Trouxe o óleo para assaduras, o trocador, uma calça de reserva, o remédio. As crianças lancham juntas e parece um jardim de infância, meu bebê ri, não reconheço sua risada. Descem para o pátio, montam umas nas outras, rolam nas folhas. Nós, adultos, nos servimos vários pratinhos, meu marido fica com vergonha de abrir nossa caixa e a põe num canto. Ninguém a toca. Os seis doces derretem. A tarde vai passando e é um animal pesado, uma foca gigante entrando na água. Ao fundo as faixas de vinhedos cravados na terra. Alguém pergunta o que tem na caixa. Ninguém nota minhas impressões digitais. Choros, pancadas. Os pais indo ver se o choro é de seu filho para ir resgatá-lo. Meu marido se sente mal ao comer um bolinho, uma pontada na costela. Todos olham para ele, até que alguém diz um médico! Saem para procurar entre burros e barracões. Ah, os médicos. Olho a cena sentada, não me convocam, não me incumbem de nada, não me consideram à altura. Um médico, gritam, um médico. O resto de nós é um bando de fracassados. Vão de casa em casa, tem de tudo, mas médico é raro, para isso tem que estudar. Ao fim voltam com um veterinário que encontram ajudando uma vaca a parir, braços e mãos cobertos com líquido amniótico. Deitam-no no tapete. Deformação profissional, o veterinário coloca luvas de látex. As crianças fazem um círculo, esperam ver algo sair, pensam que é um número de mágica. Eu também, um parto. Não quero que a cena termine, não quero voltar para casa. Tchau, fiquem bem, abraço para a família. Tchau, tchau, até logo. Meu marido me diz, quase que meu coração para. É minha culpa?, pergunto. É um alarme. E o que você quer que eu faça com o alarme? Que você escute quando ele está tocando. Está bem, está bem, digo, mas quero tirar o sapato e jogar nele. Ninguém nem provou nossos doces, comprei só para jogar fora. E quero correr rua abaixo manquejando. Sim, alguém comeu, pensei, mas para que discutir. Você não me respeita, a caixa é um exemplo. Você faz por merecer meu respeito? Mas para que discutir. E disse algo assim como a caixa representa o casal, a família, eu a deixo cair, tento consertar, mas aí é tarde demais. Não escuto direito. Não entendo suas metáforas, deve ser algo que minha cabeça não alcança. Estou ausente, mas como que sobressaltada por um pesadelo. Quero correr rua abaixo sem frear quando

chegar ao arroio, quero correr sobre as flores em uma corrida amarelada contra mim mesma. O que está acontecendo com você?, diz, e eu tenho cara de menina órfã. Você não pode criar ele sozinho?, perguntei. Eu me jogo do carro agora mesmo. O bebê vai atrás sorrindo com seus três dentes. Eu me jogo e da próxima vez você terá os doces inteiros. O campo se anunciava com seus tiros de espingarda voando erráticos e seus aviões militares sempre de cabeça para baixo. Eu me jogo, gritei, eu me jogo e abri a porta e botei uma perna para fora. Chegamos em casa, o que a gente vai jantar?, pergunta. Ponho o avental e corto cebolas, corto cebolas, corto cebolas bem fininhas, até fatiar o dedo. E rio. Quanto mais sério é, mais vontade de rir me dá. Eu me jogo no chão cheio de gotinhas terrosas. Esta história toda dos doces me faz gargalhar. Tapa a boca quando tossir, me escuto dizer. Eu vivo tapando. Sou tão suja, sou tão cretina, tão sem pai nem mãe que chega a dar câibra. A casa tresanda a cebola.

Uso sua mão adormecida para me tocar, não olha para mim, sonha. Usa minha mão morta para se tocar, não olho para ele, durmo. Em quartos separados. Em colchões separados. Há uma falha. Não fomos feitos para sermos um. Ninguém gosta de ser siamês, de ter os órgãos colados. Sorri enquanto sonha. Eu não o faço sorrir. Eu o xingo. Bato nele com o punho cerrado no ombro, na cara. Ele se enche de mim e vice-versa. Estamos saturados, mas continuamos. Mal me levanto e faço *fuck you* para ele. Bom dia, o que você quer de café da manhã? Meu dedo esticado na cara dele. Poderia lhe quebrar os dentes. O menino agitado cantarola entre seus dois pais. De quem você gosta mais?, pergunta. A qualquer momento vai explodir. É tão difícil um você teve um bom dia ontem? Parece que sim. Você teve um bom dia ontem?, digo a mim mesma, respondo, sim, e conto o que fiz, converso comigo. Vou embora e ele come meu croissant e termina meu café e me deixa ir, obviamente, mas depois se arrepende e você é ruim que dói me solta, enquanto me leva até o capinzal mais alto que nós uma cabeça. Não dá o braço a torcer, me faz caminhar sem ver, o capim batendo na minha testa como cardos, como esqueletos. Depois aproveita a confusão e me apoia, mas não continua, me empurra mais para dentro. Desando a falar, não sei o que digo, mas falo, me diz quando você fala é como se fosse o alarme do carro, toca, toca, é insuportável. Então falo gritando, nem percebo que subo o volume, dá para falar sem gritar? Dá para segurar sua falta de noção? Não deduz que não posso. Se controla, diz, não dá para entender nada se você falar correndo. Por que você não faz um curso de pronúncia? Por que não faz um intercâmbio de idioma com algum local? Paramos em algum lugar. E agora? Mas quando vou dizer alguma coisa me faz Shhh e se afasta uns metros até onde já não o vejo. Apoio os olhos nas mãos e os afundo, dói, de que adianta chorar. Sou um veado assustado, novinho e infeliz. Refresca, ele não volta, mas também não vai embora, sou só mais um capim. Nada acontece, até que se escuta um alarido rouco. Corro em círculos e vou parar no asfalto pintado. Ali estava ele também vendo o espetáculo. As vacas são separadas de seus bezerras, até um instante atrás estavam tão plácidas pastando, enchendo as bocarras. Que escandalosas são essas mães bovinas, ficam afônicas, resistem, mas ainda

assim levam todos eles. Tchou, bezerros, digo mexendo a mão. Boa viagem. Elas ficam atônitas a um lado da estrada. Os abutres chegam pontuais para almoçar com seus talheres e de guardanapo no pescoço. Voltamos juntos, abraçados, a gente se gosta tanto. Cantamos uma melodia pegajosa, *por que será, ai, ai, por que será, ai, ai, que estando a vaca atada o bezerro não se vai*. A desgraça alheia é um coice.

As flores selvagens empurram a terra ao longo da estrada. Elas a desgarram, desterram. Como nós. Marcamos um encontro no acostamento. Olho uma nogueira e penso que a prefiro aos homens. Vejo um falcão sobrevoar o pasto como se fosse o mar e penso que é venturoso. Eu o vejo chegar entre a neblina de novembro, ao fim das casas. Caminha atrás de um cara que puxava um carrinho, iiiii, iiiii, um chiado de dentes. Parece que vende frutas e peixes. Tínhamos combinado de falar, como continuar, como não dar com a cara no muro. Não foi preciso nada. De nada. Não escutei sua voz uma só vez. Poderia até ser mudo, ter as cordas vocais arreventadas. Bastou-nos o falso silêncio da estrada, beijar-nos sobre as lombadas, beijar-nos à beira do caminho imersos no tóxico da central nuclear. E chegar ao cume. Essa obsessão erótica, a palavra textura dando textura, a cor cobre, ervas daninhas sobre os olhos, nos olhos, atrás das pupilas. Assim andamos com os bebês pendurados de cabeça para baixo cheios de sangue, indo e vindo, eles babam, nós também, eles emitem chiados igual a nós. E cegos caímos na fossa, rolamos feito dois retardados os bebês nos acenaram da superfície, nos estenderam a mão. E quando a noite passou como um cão convulsionando, nos despedimos. E foi como uma asfixia trepando pela minha garganta, um carrapato escalando meu pescoço, algo que se trança, se atravessa, uma pinça na minha faringe. E a volta para casa foi seguindo as linhas brancas da estrada como um equilibrista, um pé diante do outro, meus ossos um passo atrás, como um escravo, os braços em cruz. Durante o amanhecer, empurrei o bebê, que cantarolava. Lá lá lá. O que diz? Como pode ter ânimo para dizer alguma coisa? Meu lobinho com o focinho frio uivando para algum planeta. Ao entrar, a casa estava fumegante, um bilhete com o menu do jantar e beijos colados com fita adesiva. Desvesti o lobinho tirando-lhe a pele. O calmante homeopático que tomei debaixo do cobertor não fez nenhum efeito quando horas depois acordei violácea. Demorava muito mais que o normal, punha uma meia, a outra caía. Fechava um botão e o outro pulava. Eu me penteei, olhei meus dentes, minhas unhas. Nada estava no lugar. Meu corpo não funcionava, não se deixava vestir, arrumar. Bateram na porta quatro mãos, que foi, que foi. Que foi o quê, digo. Tirar o traje do sonho, a pele venenosa, voltar a ter olfato, cílios. Voltar a

pronunciar, a engolir. Eu me olho no espelho, não me pareço com a de ontem. Não sou mãe. Do lado de fora choramingam. Chutam. Achrom engraçado me enlouquecer. Jogam-se no chão, passam recados obscenos por debaixo da porta. “Mamãe, te amamos.” Que engraçados os dois malucos pintando os lábios de rosa. Tento rir, festejar seus achados, agora o pequenininho sobe na cabeça do grandão, são um monstro, quero celebrar, mas é impossível. Sai logo, se impacientam. Vai, mamãe, sai, diz com voz aguda meu marido, estamos com fome. Não vão conseguir que eu saia. Eu me visto como posso com os pés tortos e pouso a mão na maçaneta. Do outro lado, silêncio. Será que se foram? Esperam que eu abra a porta para dar o bote? Me agacho e olho pela fresta. Vejo sombras, serão seus pés? Eles se esconderam ou se deitaram no chão, ou fugiram. Dou um chute na porta. Já estou do outro lado. Oi? Tem alguém aí? Bebê, é a mamãe, tá aí? Saio para o terraço. Piso restos da noite anterior. Meu amor andou sofrendo, queimou a ponta dos dedos com bitucas, mas o desejo é bendito. Eis aí o dilema, me digo com os dedos cinzentos e cortados. É errado ir com outro, disse uma vizinha, e minha sogra assentiu. É errado, repetiram em coro dois bêbados e arremessaram suas garrafas vazias. Dança, condenado. As esposas adúlteras eram forçadas a se despir e a perseguir um frango pelo povoado todo na França medieval, se escuta ao longe e não sei por que me dá a impressão de que a mensagem tem destinatário certo. Lá longe surge o bândi, quem dera eu soubesse o que tenta me dizer. Duas figuras se desdobram no ar aberto demais. O suspiro aliviado que sai da boca de um lobo. São meus homens pulando, voando, um montado no outro. Até mim chega o eco de sua grande felicidade.

Cada vez que meu marido mete em mim, pisco, e é como se derrubassem uma árvore. Como machadadas. Como com a mão e a gordura escorre. Falo alto, babo, mesmo assim metem em mim, continuo sendo desejável. Contra a parede como você gosta, diz, lascivo. Amarrada como você pede. Não o reconheço. Parece que fez anotações. Mete em mim e meus olhos estalam várias vezes. O exorcista. Fico cega. Uma pedrada na testa. Mete, mete e é um dismantelo, objetos que caem e batem. As xicrinhas de porcelana da avó. Os quadrinhos trazidos da Itália. Minha casa é um depósito de vidros. Meu fêmur dói. Não digo nada. Por uma vez danço conforme a dança dele. O maridinho das tautologias se avivou. Acordou, o rapaz. Eu me deixo sufocar por seus fluidos. Até diz puta. Diz. E sua boca se enche de água raivosa. Água contaminada. Não são suas palavras. Louvado seja o Senhor. Aprendeu, terá observado o outro? Mas já não me serve. Tento lhe pertencer. Dou a ele o meu couro cabeludo. Toma. Dou meu cérebro. Dou minha pele esticada. Vai, puxa. Dou meus cílios, não me importo de perdê-los. Que meus olhos se sequem em um abrir e fechar. Pega. Tem. Prova. Quero ser sua mulher, mas olho para ele com o assombro de uma desconhecida. Uma mulher que cochila e é atacada por uma sombra. Uma mulher que vai caminhando e leva uma passada de mão. Caio de lado. Eu me desconcerto e me dão um copinho de água. Sente-se, senhora, dizem as crianças. E me colocam sal no punho, como se fosse um passarinho. Com o bico, eu o mordo. Terminou. Deixo que ele continue me tocando. Estamos babados. Agora vêm o abraço e o beijo úmido. Agora vem o assédio do amor. Quero derreter. Mas é como um tiro no pé. Como enterrar algo na superfície para que brote. Um casal de velhos se desidratando com o calor.

Mas também não é idiota, só tenho cara, disse, e uma manhã às sete e quarenta, com o vento fustigando nossas cabeças, disse vem, senta. E vem, senta é tudo o que alguém precisa para saber que acabou. Foi. Minhas pernas bambearam. Que importa o que venha depois, mais ou menos horas diante de uma mesa, as mãos cruzadas, se choramos, se se fazem as malas, se se dividem os bens. Que importa o que vem, se guarda compartilhada, se o filho sequestrado por um dos progenitores, se vêm um julgamento e um litígio pela pensão. Vem, senta e não eram nem oito da manhã, a boca azeda de uma noite pesada, dura, sangrenta. Vem, senta, ainda que depois se possa achar consolo pensando que alguma coisa pode melhorar com a desculpa de que as feridas cicatrizam. Que o tempo faz algo por nós. Senti uma pontada no sexo e tive que me arrastar até a cadeira. Se pudesse usaria bengala, me vestiria de velha, tingiria o cabelo de branco, tomaria comprimidos para doenças neurológicas, até que meu cérebro as acomodasse. Quero ser uma velha. Desagradável em todos os sentidos, hedionda, insuportável, me cheiraria e tomaria o remédio para que tivessem que me lavar por muito tempo. Assim que ainda com o sexo latejando o escutei, o vi mexer uma boca já distante, dizer palavras que não entendi. As folhas se rasgavam no ar, a decoração se sacudia como se alguém nos dirigisse. Até que escutei, tratamento. Isso era o que via em mim. Uma mulher que tinha que se acalmar. Tornar-se uma ameba. Ir para um lugar com paredes e lençóis brancos, debaixo da língua pastilhinhas, pilulinhas, comprimidos. Conhecer a vizinha de quarto, tomar o suco com outros desgraçados, fazer oficinas de artes manuais, ler livros com capa dura e ilustrações. Até que um dia os outros internos enchem balões e pintam com lápis cartazes de despedida e recebo alta e volto à sociedade. Contive um espasmo mil vezes mais forte que uma câibra, uma contração, mil vezes pior que úlceras, apendicite, mau-olhado. Eu me transformei em um sapo e como um mijo venenoso soltei, de uma vez, dez anos de vida em casal sobre a mesa, a cadeira e o sofá. E diante dos destroços não soube se passava um pano, me abraçava ou chamava uma ambulância para enfim me internarem. E o menino olhou para nós entre os pés da mesa e entendeu como um adulto. Dentro tudo eram lascas, a criatura me olha com uma faca de caça na boca. Eu me

levantei tremendo, tinha perdido minha casa, saí para o capinzal. Estaria menos perdida se no rádio dissessem que algo havia detonado a guerra. A natureza riu de mim, esta veterana já não era a patroa. Os bichos agora montam sobre o corpo. Fiquei olhando para cima, embolada entre as ervas, e, quando acabou, entrei. Meus meninos viam um programa de sorteios na televisão e comiam hambúrgueres, respirava-se fritura. Vamos casar, eu disse. E um minuto depois meu homem, sem tirar o olho da televisão, disse aceito.

hoje se toma champanhe em taça. Saltos altos pela primeira vez em meus pés. Uma cintura que não sabia que tinha. Meu cabelo reluz. Lá fora dois esquilos estavam de nheco-nheco. Todos estamos alcoolizados. Até as pedras. E uma mesa longa, a toalha branca ressaltando as manchas de vinho tinto. Alguém me leva até o centro da pista e me gira, me ensina o um, dois, três e me faz rir. Rir me parece pouco crível. Toco com os dedos meu sorriso. E os convidados dançam loucamente e as mulheres giram o pescoço de cisne trezentos e sessenta graus, uns caem na descida para o bosque e não voltamos a vê-los. Há mais desaparecidos do que gente. Os vizinhos dormem ou estão mortos em suas espreguiçadeiras. O ar está denso e por momentos brilha. Meu marido vem e vai, me dá beijos sem língua, me acaricia o ombro, até os animais o olham com respeito. E antes das danças macabras, sob uma capela improvisada, um pároco, eu tenho mais religião que ele, nos diz performático: “Estamos aqui reunidos na presença de Deus e destas testemunhas para solenizar diante do Todo-Poderoso e em nome de nossa santa religião o contrato de matrimônio entre este homem e esta mulher”. E esta mulher viria a ser eu. “Aceita você esta mulher, cuja mão segura, como sua legítima esposa; promete solenemente, diante de Deus e destas testemunhas, que a amará, honrará, consolará; que se conservará somente para ela, cumprindo os deveres de um esposo para com sua esposa, enquanto Deus lhe conceda a vida?” Sim, o farei. Mas não ouvi nada. Um balbucio. Um zumbido. Todos me observam, eu sou a atração. “Aceita você este homem, cuja mão segura, como seu legítimo esposo; promete solenemente, diante de Deus e destas testemunhas, que o amará, honrará, consolará; que se consagrará somente a ele, cumprindo os deveres e as obrigações que uma esposa tem para com seu esposo, enquanto Deus lhe conceda a vida?” Enquanto Deus me conceda a vida, e minhas pernas correm pela estrada rumo a um caminho paralelo. E na minha mente ainda tenho força e vontade para enterrar a faca na carne de uma vaca. E antes do “sim, aceito” me vejo forrada de grama. “Seja este o selo de vossa fé mútua e vosso mútuo afeto e felicidade, recordação deste sagrado serviço e dos sacrossantos laços do matrimônio, pelos quais vos haveis unido em santo matrimônio até que a morte os separe.” Mas como nos separará? Quem vai

ver o outro cadáver? Quem enterra quem? “Porquanto este homem e esta mulher, solenemente, e diante de Deus e destas testemunhas, se deram e empenharam sua fé e sua palavra, e o manifestaram pela união de suas mãos, eu os declaro marido e mulher. O que Deus uniu, nenhum homem separe.” E gritaram como chacais, como hienas, e procurei desesperada pelo meu cervo. E procurei meu filhinho, mas ele tinha se escondido. E não havia nada, não houve nada que pudesse me deter. E nos ergueram sentados em cadeiras, nos fizeram voar em seus braços e “Hurra!”, “Vivam os noivos!”, “Aleluia!”, e jogaram arroz, que entrou nos poros da minha cabeça, e me beijaram bocas grumosas, e uma matilha de cães de caça soltos com rabos de répteis girou feito um redemoinho sacudindo a toalha e quebrando taças, garrafas e flores. Na minha mente também correm cães, ou são potros? Vi que cochichavam alguma coisa sem nenhum pudor, olhando assustadas para a minha cara, eu era a imperatriz, a mulher barbada, Madame Zingare. Eu me apalpei e notei que, em vez do sorriso, da comissura dos meus lábios caía algo sombrio, morno, viscoso.

Eu era um vestido branco com babadinhos ajustado na cintura nesse quarto com ventilador de teto, totalmente ensopada. E brincava com a virilha, mas não era disso que eu estava precisando. E dei meio que uma roçada por ali, mas nada. E me apalpei, bati na minha mão para ser o outro que me toca, tirei as ligas com os dentes, arranquei o bordado das unhas, coloquei a mão no coração, molhei minha nuca, me joguei gotinhas, me despi várias vezes. Troquei de calcinha. Tentei me cheirar, não consigo, ainda que estique o pescoço até quebrá-lo. Quis dormir de bruços. De lado, de barriga para cima. Com um golpe de mão cacei a tesoura, cortei a franjinha e a deixei sobre o travesseiro. Agora somos dois. O ventilador girava cada vez mais lento, ia cair em cima de mim. O telefone mudo. O colchão era um charco. As cortinas de juta rumorejavam devagar. Tinha me prometido chegar cedo à nossa noite fogosa. Deixar o menino com a viúva e vir. Não é minha culpa, me deixam com as tripas abertas. Não sabia quanto tempo fazia que o esperava, mas de tanto abrir e fechar as pernas me deu câibras. Levantei-me de um salto e me doeu não ter sutiã. Caminhei sobre a cama e me pus de quatro. Ri envolta em tules no espelho vagabundo, descascado. Era uma atriz de Hollywood, encantadora e trágica. Eu me enfiei na banheira e bati os pés. Mas continuava sentindo falta de algo, frenética. E não chega e dou uma cambalhota, me amarro, me solto. E se não vier começo sozinha, a entrada, a prévia. O aquecimento. Respiro o cheiro de carne crua deste hotel. O vestido molhado me pesa, luto até me desfazer das algas emaranhadas, o tecido da anágua que me enforca. Molho meu dedo com saliva sabendo que é pouco, que nunca terá a força bruta de que preciso. Indiferente, nua demais no meu corpo. Quero um soco, uma sacudida. Quero uma investida. Ligo para o *concierge*, o acordo, fala como se tivesse os olhos colados. Peço um martíni e esclareço que sem azeitonas, com dois cubos de gelo e uma rodela de limão. Coloca uma música de amor, em sua voz há compaixão, uma noiva que ninguém visita. Quem viu. Oferece subir com um fresco, tenta me cantar. Desligo. Faço um *striptease* de alta voltagem, de pé em cima da privada, me balanço, rebolo, sensualizo. Mostro a língua. Ando sobre os saltos por todo o quarto. Meu público de pé

sou eu no reflexo do armário. Ao final, puxo a descarga. O noivo ainda não chegou. Deve ser tudo por causa do menino.

apática e de short amarelo no banco de trás, bolsa de viagem na mão, cara de doida para já ir praticando, levantava e abaixava as sobrancelhas. Agir normalmente e de imediato, sem razão, ficar estática olhando fixo. Aprender também a olhar nos olhos com absoluta atenção, mas que se note que na realidade estou em outra realidade. Tenho que acertar no perfil de Zelda Fitzgerald rumo à Suíça, não exatamente para comer chocolates ou experimentar relógios. Com os joelhos para cima devoro a estrada, o caminho sinuoso. Mordo a janelinha. Pelo retrovisor, meu marido me faz sinal para parar. Faz o gesto de ontem já discutimos e concordamos que era o melhor. Para os três. Minha cura se aproxima, já a vejo vindo. Um grosso espelho nos separa, ela e eu, a que serei ao sair. Solto uma risadona, meu filho se vira e me olha intrigado. Sim, é sua mãe que está rindo. Belos imbecis. Filho e pai. Em uníssono. Paridos pela mesma mulher. Estou rasgada e descosturada. Uso tênis sem cadarços e o shortinho meio caindo. No meu bolso levo uma cadernetinha colorida, o que poderia anotar ali além de imagens sem uma moral da história? A estrada está livre, o serviço meteorológico anuncia bom tempo para o fim de semana, diz o meu marido, você vai poder descansar ao sol. O carro sobe sem problema as colinas. Mandou fazer revisão para poder me levar, eu deveria ter escapado com uma agulha, furado os pneus durante a noite. Temos gasolina para chegar até a Sibéria, ida e volta pela neve suja concentrada nos acostamentos. Assim começa o romance. A personagem que vai no banco de trás é levada para longe, parece submissa em seu short e com o cabelo preso, quase uma colegial, mas na realidade afugenta cachorros e tem os olhos feridos à bala. Mas, na realidade, vê as árvores girando aceleradas pelo movimento do carro. Elas se imbricam, se entrelaçam, são uma. Não árvores, mas um sentimento exaltado, a boca enjoada, sentindo falta. Em cima, debaixo da terra, por todos os lados o ar. Falta alguma coisa. O olhar dos meus homens é como chutes nas costelas, os dois cantam *love me, love me, say that you love me*, eu os cubro com Mozart, *Divertimento em Ré maior, K 334*. Chegamos!, diz. Um bloco de pedras irregulares com chaminé será meu lar. No café da manhã vou comer torradinhas com geleia caseira de ameixa feita por um bando de malucos. Como eu. Vou trabalhar na horta e nas oficinas

de artes manuais e vou dormir em um colchão estreito, meus vizinhos de leito vão ter pesadelos. Como eu. Vou caminhar entre bitucas não terminadas. Em pleno auge da minha vida, queda livre. Vou reviver mortos, com isso ocuparei minha mente, farei com que pulem a cerca como carneirinhos. Adeus à doentia ansiedade sexual. Descemos do carro os três com ar de turistas bocós, foto, foto. Imagino que vão nos mostrar as instalações, piscina, sala de jogos, restaurante. Imagino que estou de lua de mel, como as outras. Em vez disso alguém me estica os braços, me aperta, enérgico. Bem-vinda e me empurra um pouquinho. E vejo como meu filho e meu marido, até agora mesmo do meu lado, dizem tchau tchau linda, tchau tchau mamãe, com a mão. E tudo passa tão rápido, ouço o motor, já rodam pelas colinas, já cantam outra canção. Eu me viro. Um corredor de portas fechadas, alguém me faz avançar e me interna.

a primeira manhã do resto das manhãs eu passei deitada, meus dedos pendurados. Um médico se aproximou. Seus óculos deformados sobre mim, suas quatro pupilas. Sonhei que deixava meu bebê dormindo sob a chuva ácida. Sonhei que não podia trazê-lo. Que me olhava ao longe. Perdão. O que está dizendo? O que estou dizendo? Estava pedindo perdão. Não, era um sonho. Tenho que me levantar? Não tem que fazer nada. Posso ficar na cama? Aqui se vive de dia? Viva como quiser. Meu marido pagou para eu viver como quiser? Pode ir embora quando quiser. Não é este o novo mundo? É apenas um lugar mais calmo do que o resto. E assim foi embora arrastando os pés, como todo médico que se mostra atormentado. Fiquei olhando uma mosquinha furta-cor chocar-se contra o janelão uma e outra vez até se abater. Suas asinhas azuladas espalhadas sobre a minha cama. Não vi nenhuma outra pessoa respirando por perto. Ninguém me espiava, salvo eu mesma. Eu me levantei contente de ser pupila de um estabelecimento que tinha muito de hotel, aparentemente limpo e confortável, e desci para o refeitório com a impressão de viver. Estava sozinha, alguém tinha ressuscitado. Cumprimentei cada pessoa e até perguntei o nome delas. Em geral, não me importa como as pessoas se chamam, que diferença faz. Dei uns beijos nas bochechas, apertos de mão e tapinhas nas costas. Pareciam me dizer que Deus te ajude ou bendita seja. Encheram-me de baba os doentes e os auxiliares de enfermagem. Chuac. Chuac. Alguém gritava que queria Rohypnol. Interessante. Atravessei o refeitório que cheirava a caldo de cubinho e saí para o parque. Uma empena alta nos separa de um casarão com uma manada de pastores de ovelhas. De algum lugar vem uma cúmbia pornográfica. Alguém lê o jornal, caiu um avião com um presidente. Outro comenta que um pai matou a filha em plena festa de Natal. Percebo somente agora, enquanto acaricio meu cabelo, que não vejo mulheres em lugar nenhum, a não ser por duas fêmeas que não poderia incluir nessa categoria. Meu marido me trancafiou com homens. Só vejo cabeças raspadas, feito nozes. Cheiro a testosterona. Um tosse, o outro pigarreja, todos fumam. Há somente vozes graves, de chumbo. E se médicos e pacientes conspiram e me dopam? Um de branco pisca para mim. Para que me trouxe para cá?, para ver quanto resisto, para fazer a

ninfomaníaca ter nojo. Tomo a sopa de cabelinho de anjo em uma mesa redonda e no fim trocam os pratos por um jogo de cartas que parece divertir a todos nós, um companheiro de time finge me passar uma senha e me olha com falo nos olhos. De noite escuto latidos que transpassam a muralha como algo que pertence a outra vida. Escorrego sob os lençóis, quantos dos que dormiram aqui estão mortos agora. Ele aparece. Seu maxilar na minha boca. Seu olho na minha bunda. Quero apagá-lo com uma explosão, mas não consigo e me deixo levar pelo bálsamo do desejo. E nem me lembro do meu filho.

Enquanto você não me disser o que houve vou continuar fugindo, não vou querer tocar em você, vou ficar em estado de alerta. Que fale baixinho, que se cale, que aqui ainda não me conhecem. Silêncio penoso. O terapeuta nos deixa sofrer. Seu marido diz que vive em permanente estado de alerta, como a senhora interpreta isso? Nenhum dos dois sabe o que fazer do corpo sentados lado a lado, os braços caídos, assexuados, amigos. Supostamente nos deram este intervalo terapêutico e uma babá no quarto contíguo cantando cantilenas para o bebê para que resolvamos nossos problemas conjugais, para que tentemos expor nossas feridas, diz o profissional, e eu rio e peço perdão, mas é que o bebê deve estar de saco cheio com as cantigas. Aqui estou neste ridículo consultório que dá para o parque com sua grama artificial, esta bandeja com chás, esta música relaxante de fundo. Música para pensar, diz o profissional, música para bater com a cabeça na parede. A cara do meu marido está vermelha, é um touro, vem para cima de mim com tudo. Meu marido tem um pau mil vezes maior que o do outro, mas não sabe usar. A língua também não. Escuto uma série de conselhos dados pelo profissional, mas creio fervorosamente que vamos nos divorciar pelo mau uso de sua língua. Língua de réptil. Linguinha de cobra adormecida. Nunca uma bela linguada, uma chupada, uma lambida. Língua dócil que não sabe enforçar. Não sei como interpreto a presença do outro, não sei o que querem me fazer dizer. Eu o vejo ser um marido infeliz e caguei e vá para a grandíssima puta que te pariu, ando com tesão desde que te conheci, ando neurótica, enfeitiçada, o que você tem?, diz meu marido. O que você tem? É uma simbiose de quê? Neurose, digo. E o que que suas neuroses têm com isso? Todo mundo tem disso. Você olhou esquisito, no que está pensando? Uma imagem me ocorreu, peço desculpas, mas essa imagem é um cavalo azeviche com olhos saltados, fora de órbita, e me esmaga e me arqueia. Peço perdão. Você nunca é normal, nunca está relaxada, ataca, vai dizer *cool*, mas para justo a tempo. Não sei o que dizer, é que você não trepa comigo, bom, assim não tenho vontade, fujo, você faz cara feia todo dia. O profissional diz a palavra tolerância e respeito pelo outro, escutamos como se estivéssemos debaixo d'água. Estes republicanos do espírito, tole o quê?, ele volta a me perguntar sobre o estado de alerta do

meu marido, não respondo, querem me fazer cantar. Controlo minha sudorese, meus batimentos cardíacos, não quero que nada me delate. Por que acha que se sente em perigo? Que pergunta capciosa. O que acha que lhe causa esse estado? Já sei tudo, posso recitar de olhos fechados, me encho, não está direita a sombra projetada do outro, me encho, cabeceio. O bebê que já não é tão bebê chora ao lado, a babá não tem a menor ideia de como acalmá-lo, deveria ter escolhido outro trabalho. Vou te arrebentar de porrada, eu disse. Como foi que cheguei a dizer vou te arrebentar de porrada? Chame a polícia, não se assuste. Não, não chame. Me processe por negar cuidados, isso que a gente vê nos filmes americanos de mães desequilibradas que no fim não se dão um tiro nem nada, mas integram-se à família e assam biscoitos de chocolate aos domingos. Você é uma negligente, diz. Eu esperava muito mais. Quer que tentemos fazer uma terapia de família e incluamos o menino?, sacaneio. Você é infantil, diz, diante do olhar de aprovação contida do psicólogo, eles se gostam. Você é um marido de merda, pensei, e o abracei forte. Passei por cima do profissional que anotava alguma coisa críptica e certamente muito interessante e o apertei, o apertei tanto, esmaguei suas tripas. Toquei-o esperando que não me rejeitasse, não me largasse. Não o fez, meu santo.

foi embora e fiquei olhando o parque como se fosse um precipício. Foi embora e levou seu bebê. Tive a sensação de ter arruinado tudo. Um sopro de irracionalidade tinha queimado minha existência e me encontrava contra o cenário com uma arma carregada nas mãos. Tinha uma vontade de atirar que não me aguentava. Mas que zoada fazem esses pássaros de merda. Lá fora a natureza seguia seu rito de entardecer. Uns saíam do refeitório com uma tangerina ou um cacho de uvas para vê-los migrar de continente com seus binóculos, o bater de asas os comove, esse movimento repetitivo. Ao passar me sorriam e depois, ao entender, fugiam. Sentia-me voluptuosa andando por esse corredor, os peitos lá no pescoço, os olhos aplainados, o cabelo liso, um sorriso de vencedora e a arma bem alta. O profissional me seguia de perto, eu o via nas portas envidraçadas, seus sapatos grudados em mim como chiclete. Ficou preocupado com meu comportamento na consulta conjugal. Deu uns passos correndo e me pediu agitado que o acompanhasse até seu escritório, pode me acompanhar? Mas ao ver que tinha a mão em forma de revólver, o indicador puxando o gatilho, deu para trás. Cagão. Depois, recuperou o fôlego e me instigou a entrar, atrás de mim, e fechou com chave. Eu me permito dizer-lhe isto sabendo que é uma intrusão em sua vida privada, disparou ofegante, e bocejei. Estava tentado a pedir que me cortasse a mão, mas sabia que era ilegal. Odeio ter que perder tempo com repetidores de obviedades, eu incluída. Vejo por trás do cortinado bege que um grupo de internos brinca de afugentar uns patos. Diz que meu marido se sente impotente diante da figura do desconhecido, como um trator, que o ar de minha casa fica viciado, que prefere que eu fique mais uma semana ainda, tudo isso falaram pelas minhas costas, é oficial, estou em penitência. Quero que o dia termine de uma vez, que comece a noite, que me deixem sair para enfrentar animais. Ao final eu disse que me sentia responsável, que ia repensar meu papel de esposa e mãe, que era útil ficar uma semana mais, e deixei que minha mão voltasse a ter cinco dedos. Tentou me convencer a prestar depoimento, mas viu meu olhar e em seguida abriu a porta. Saí para o corredor e corri até meu quarto. O vapor dos chuveiros me cegou. Liguei para o meu marido. Você ligou para o telefone da família X, por favor, deixe seu recado após o sinal e

retornaremos assim que possível. Muito obrigado. Sempre o mesmo, não sei como não cansam, como não se exaurem, como podem ser tão parecidos, até em um rebanho as cabras se diferenciam umas das outras pela queixada. Corri pelo corredor, saí por um atalho e pulei por sobre os cartazes de perigo de demolição. Caminhei sem cruzar com ninguém. Que estariam fazendo pai e filho. Eu os imagino peladinhos na piscina debaixo de um jato bem quente olhando seus pintos. Eu os vejo brincar com a mangueira, desenhar letras no ar. Estão agachados na horta arrancando verduras, comendo hortaliças. Depois tomam sorvete de sobremesa à luz da lua, o pai lhe diz o nome de cada estrela. O menino aponta. O papai balança o menino, o menino balança o papai. Vejo-os esquecendo paulatinamente de mim nesta noite e lentamente também na que vem.

Os dois ficaram no caminho da frente, com bolsas e comidas, parece que é melhor deixar o menino fora desses lugares. Desci para tomar café da manhã de madrugada e me deparei, pela primeira vez, com o refeitório vazio. Depois cruzei com eles com o cabelo molhado e o maiô me apertando os peitos e sorri. É um dia importante, disse, e subimos na camionetinha *off-road* que ganhou de um tio preocupado com a situação. Depois de alguns quilômetros, e até passarmos o pedágio, fomos felizes com a cara ao vento cantando um hit dos anos 1980 no rádio e fazendo-nos massagenzinhas no pescoço. A vida flui. E também, durante alguns quilômetros para o sul, fomos uma família-modelo, mãe-pai-filho, que leva protetor solar fator 25, garrafa térmica e casaco para o entardecer. Passamos pelos controles policiais com sucesso e atravessamos um viveiro de pinheiros altos e eucaliptos, depois a estrada começou a cheirar a sal, estacionamos e meu marido preparou o bebê para seu primeiro contato com o mar. Eu me olhei no retrovisor e não vi nada de esquisito, meu namorado, às vezes gostava de chamá-lo de namorado, me falava, não sei que me contava sobre quando era criança, me senti uma boa mulher escutando-o, dizendo atenta aham, aham. Descemos da carroceria o guarda-sol de bolinhas, as comidinhas e a garrafa térmica, tudo estava preparado e o bebê apontou enlouquecido para o mar. Bom sinal, não se esqueça de filmar o momento preciso em que entra, disse meu homem, tão atraído quanto ele por esse furacão que avança e retrocede. Estamos no trópico. Na areia pulamos queimando-nos e rindo os três e vi que uma idosa de maiô inteiro e cheia de creme sorria de uma barraca, satisfeita por ver uma família unida. Tudo ia bem. A bandeira indicava que o mar estava calmo, estavam abaixadas as de alerta, perigoso, proibido o banho de mar e criança perdida. Uns dormiam em redes improvisadas penduradas com fios coloridos, outros se bronzeavam nus. Um chamou minha atenção, estava tão vermelho que seus traços se diluíam detrás dessa pele bordô. Havia muitos bebês correndo em círculos, roubando os sapatos das pessoas, levantando redemoinhos de areia, o meu se entregou ao clã e logo formaram uma manada de bebezinhos soltos. Meu marido me pediu que lhe passasse bronzeador nos glúteos e se deitou. Um segundo depois já não me respondeu. Não quis

cruzar olhares com nenhuma das que tinham um livro aberto buscando nos arredores com que se distrair, nem quis ficar sob a vigilância de ninguém, e também me deitei para me carbonizar enquanto ouvia ao fundo o alarido dos brincalhões. Talvez tenha cochilado uns segundos, quem sabe, a questão é que quando me virei na incômoda espreguiçadeira de plástico notei que meu marido, completamente adormecido, estava ereto como nunca antes. Fiquei olhando, pasma, mas sua cara não dava sinais, não conseguia adivinhar de onde vinha essa ereção e me perturbei porque de algum lugar vinha esse desejo claramente não provocado por mim, largada feito um *crème brûlée* ao seu lado. E foi aí, acho eu, pelo que lembro, que tudo começou. Eu o sacudi um pouco, ele diz que muito, e levantei a sunga dele. A senhora de maiô inteiro me chamou atenção para o fato de que havia crianças, que aquela era uma praia familiar e que há lugar certo para essas coisas. E meu marido continuava morto, mas aquela coisa ali viva demais começava a me obnubilar e me pareceu que estava escondendo algo, fiquei com ciúmes de seu sonho e quis ver mais, fechar a cortina, e gritei *acorda agora mesmo!*, *explica o que está acontecendo!*, e aí ele me olhou e me chamou de louca e eu lhe dei um golpe seco no peito e a nuvem de crianças envoltas em areia estancou e, como as crianças são exageradas, começaram a chorar aos gritos. Nós não éramos seus pais, então, como as crianças são hipersensíveis, as mães correram para pegá-los como se estivessem presenciando uma cena de sexo violento e os envolveram em suas toalhas de praia estridentes tapando-lhes olhos e orelhas enquanto um grupo de pessoas muito comprometidas com o caso avisava ao salva-vidas do balneário, que ao intervir neste assunto encontrou seu minuto de importância. Meu marido, recém-levantado, não me defendeu de jeito nenhum, me atirou aos leões, às ofensas, à série de obscenidades que dizem sempre os pregadores, e levou o menino embora com o nariz negro e cuspidando pedrinhas. E me largou, o grande covarde, com todos os olhares sobre mim, não chamou nada para si. A essa altura, meu marido já não estava duro, nem sequer parecia um homem. Nosso carro seguia em completo silêncio bem em cima das linhas brancas quando percebemos que não o havíamos levado para conhecer o mar.

tive que reviver mentalmente, é o que resta, a evasão, porque aqui ao menos tenho tempo, a noite em que eu ia e voltava pelos janelões, com um isqueiro, primeiro, com um candelabro de sete braços, depois, ia e vinha seguindo sua sombra. Acendia e apagava sucessivamente as velas para ver se ia embora ou ficava, se era dos que resistem a tornados. Meu marido deitado dormia com o celular no peito, nem pensa nas radiações. Meu bebê estava caindo de sono, mas continuava indo de tombo em tombo pela casa, sustentado pelas cortinas e pelas mesas de centro de outro século, derrubando tudo que encontrava, cinzeiros, talheres, se mantinha acordado, talvez para que não me possua outro que não o papai. Dei muitas voltas até que consegui enfiá-lo no berço, calar seus berros, folhear algum de seus livrinhos com astronautas e capitães de barcos e convencê-lo de que o melhor que alguém pode fazer de noite é dormir. Mamãe mente. Quando me aproximei da porta apareceu meu marido de cueca xadrez procurando um cigarro. Mas lindo, todos os homens são lindos meio dormindo, algo amolece no triângulo entre os olhos, o nariz e a boca, algo os faz menos homens. Aonde você vai? A lugar nenhum, lá fora, disse. E as respostas duplas nunca são eficazes. Vai lá fora? Pra quê? Pra nada, jogar fora o lixo, digo, e na próxima deveria inventar algo mais criativo. Deixa o saco aí na porta, eu jogo amanhã. Odeio quando ele se faz de bonzinho. Não tenho outra opção senão ficar com vontade, enfiar uma almofada entre as pernas. Ou escapar tão logo ele durma, pular a cerca. Pôs a chaleira no fogo, colocou lenha e estalou os dedos, não parecia muito disposto a ir embora. Esperei que fervesse sem saber por onde andava o outro, já não escutava o titititit do anel na sua mão passando pelas grades, já não sentia o estertor detrás das janelas. Meu marido me olhava com os olhos apertados enquanto picava biscoitos do nenê. Fazia-se de normal enquanto me impedia a passagem, me bloqueava. Eu fiz de tudo, fui verificar se o bebê não havia se enforcado com o barbante do coelho de rodinha, esvaziei os pratos, limpei a bancada da cozinha. Dei umas tragadas no seu cigarro negro marcado por seus lábios sentada na janela aberta. Dentro dormia o filho de outra. Parir para quê? Repassei com os olhos a campina que começava a se desanuviar. Acotovelado na lareira jogava xadrez sozinho e, ao mover um peão, esteve

a ponto de dizer alguma coisa, vamos aumentar a família ou vamos dar um irmãozinho para ele não se entediar, mas em vez disso mexeu a peça no tabuleiro e disse que ia se deitar. Que até que hora eu ia ficar passeando e eu disse já vou, já entro, vai lá, e me deu um selinho, mas cada vez mais de longe, feito duas estátuas. E quando eu estive a ponto de sair me chamou do banheiro. Ele me disse que tomasse cuidado, com quê?, eu disse sem entrar, sem deixar que me visse, você sabe, se cuida, e foi direto dormir. Nem bem saí e já esqueci tudo que houve antes, a casa fumegante, o russinho adormecido com olhos abertos de coelho, meus dias prévios de ardor. Eu o devorei, porque para isso servem as noites, filho.

a vida não flui, pensei enquanto me sentenciavam a uma série de consultas conjuntas com diferentes profissionais como consequência do funesto passeio à praia. Um dos exercícios consistia em me isolar em um quarto com um espelho e me olhar durante horas para, ao final, poder dizer o que vejo. Mas não é preciso desperdiçar energia, não preciso do meu reflexo para saber que sou um lixo. Para quê. Por que não fechei o bico. Esquece. Por que diz que é um lixo? É o que pensa de si ou o que pensa que pensam os outros? Eu já quase não respondo. Eu já sei que sou um lixo. Do lado de fora vinha um forte cheiro de frango temperado, depois veriam um filme sobre relações humanas para terminar num debate de cinema. Sente falta dos seus?, perguntaram, e minha cabeça estava enfiada em um tanque de água e via meu filho com cara de criancinha, de bochecha suja, bunda vermelha e cabelo loiro. Sente falta da sua terra?, insistiram. Um alemãozinho do campo. Rosadinho. Um eLivros como eu. E continuaram fazendo barulho com palavras que se secavam. Mal se alternavam para falar, na minha cabeça tocava a *English Suite No. 1*. Por que não chegaram ao mar?, insistiam. É simbólico, não acha? Por que não se animaram a realizar o plano?, e me vi com meu maiozinho, meus dois mamilos rosados ao vento, a vagina cheia de areia, os olhos macilentos dos meus três anos. Deve ter a ver com isso, pensei, mas não lhes dei nenhum dado, se querem me analisar, que o façam sem pistas. Tenho três anos, fujo da minha família, em um descuido da mamãe-galinha e do papai-galo, uma discussão cujo tom sobe, vou embora, me perco nessa aguinha da borda que parece saliva. De repente, não vejo ninguém conhecido, são maiôs de todas as cores e bocas que se mexem, mas ninguém sabe quem eu sou. Fico sozinha a tarde toda, indo de barraca em barraca, comendo o que encontro, restos de pão doce, deixando que me passem a mão na cabeça os homens que leem o jornal com os pés enfiados na terra pantanosa, derrubando castelos alheios, engatinhando no píer de pedra. Até que um grandalhão me perguntou pelos meus pais e o nome e não me veio, então tive que mentir, me pegou, me colocou nos ombros e começaram a aplaudir. Sou uma bonequinha que passeia montada num banhista e ao redor clap, clap, clap, que querem? O banhista tatuado me sorri do alto de seus dois metros e de seus longos

dentos. Sou pequenininha, mas ainda assim gosto que meu maiô raspe na sua nuca enquanto correm ao meu redor. Continuam com sua lengalenga e eu jogo a cabeça para trás e no galope só vejo azul-celeste e sou uma estrela russa celebrada no circo. Sou uma menina consagrada. Já trocaram a bandeira para criança perdida, deveria haver uma para criança fugida. No fim do cais vejo duas figuras que correm e tropeçam, vejo dois elefantes esticando a tromba para me aspirar. São eles. Aferro minhas pernas ao pescoço do meu salvador, mas a elefanta me suga e me abraça. Todos festejam o reencontro, no alto-falante agradecem a solidariedade das pessoas, se escuta um murmúrio de aprovação. Estou tentada a dizer esperem, continuem procurando, essa não é minha família!, mas, outra vez, só penso nisso agora mesmo. Os profissionais me olham. Que está pensando? Alguma coisa lhe ocorre? Agora vejo que meu bebê quis se sentar na toalha de uns desconhecidos, ficar caladinho e, quando levantassem acampamento, ir com eles, seguir o rumo de suas vidas. Damos por terminada a sessão, disseram em uníssono, e não abri a boca. Saí com ressaca. Ia aos encontrões, mal sustentada pela parede do corredor. Essas duas maritacas tinham me dado pauladas na cabeça. Quem sou eu?, soltei e ri. Quem?, voltei a me dizer rindo mais alto, e vi que era essa mãe que acabava na frente do filho, essa filhinha que viu seu pai. Vários internos chiaram, deixa a gente dormir em paz! Saí como pude e fui dando voltas até o meio do parque. Eu me joguei na grama. A paisagem e os arredores eram negríssimos. O ar tinha algo, uma atmosfera de madrugada, de infância, quando ainda dormindo me vestiam para ir viajar de trem, os sapatos trocados para corrigir as pernas arqueadas. Nessa noite vi o céu que havia quando nos ombros de um grandalhão estava perdida e era inencontrável.

acordei e estava dentro do meu bosque. Notei, como notaria alguém que descobre que lhe falta um braço ou um olho, que já não sinto amor por meu filho. Saí do quarto úmido procurando a claridade, mas do lado de fora chovia. Ouvi gritos de animais e a sensação do bosque se ampliou. Pensei que ver o cervo, e que o cervo me olhasse, poderia me ajudar, e saí à sua procura. Não encontrei, porém, seus chifres, apenas enfermeiras. Caminhei pelo sanatório sem sentir. Caminhei tendo à frente uma porta e uma escada. Ao chegar a um lugar, me sentaram e me vendaram os olhos. Não sei o que fazia sentada, não sei por que os olhos vendados, mas que importância poderia ter se, ainda ardendo, não sentia amor por ele. Alguém me zonzou contando um, dois, três!, e me soltaram, deixando na minha mão algo parecido a uma agulha. As pessoas iam me apalpando. Eu não soube me defender ou entender que tudo, inclusive a aversão por meu bebê, era um sonho. Os gritos animados me guiavam, frio, frio, morno, quente, quente, queimou!, e parece que minha agulha acertou a *piñata*, porque alguma coisa explodiu e aplaudiram. Continuei vendada, me diziam que eu já podia olhar, mas eu queria essa escuridão agradável, até que a impaciência alheia me tirou a venda. Serpentina, cartazes coloridos, presentes e eu coberta de papel picado. Te desejamos tudo de melhor nesta vida que começa. Deram-me cartas e amuletos e foram me levando. Eu ia embora. Era o fim. Mas para mim era o começo porque o tétrico aí estava. Abriram a porta principal. Aí estavam. O pai com roupa de festa, o menino levado pela mão com roupa de futebol. Minha balinha azeda, meu sapinho pulão. Bem-vinda a nós. Deixaram-me avançar em sua direção enquanto o resto se apagava ao fundo. Meu marido e seu filho. Nós nos abraçamos os três, o bebê já andava, tinha mais dentes, mais cabelo e tinha ampliado seu vocabulário com coin coin e taca taca. Meu marido contou uma piada para aliviar a situação, você já está fora, agora vamos poder viver em paz. E me cumprimentaram como se me dessem a entender que estava pronta, que tinha o diploma, que ia viver de novo. Parou na beira do caminho e, na margem de um rio que nunca vi, me disse feche os olhos e outra vez deixei de ver. O neném já não se aguentava de felicidade e se agitava. Meu marido apertou um botãozinho e o teto se abriu feito um pavão. Eu fiquei e eles

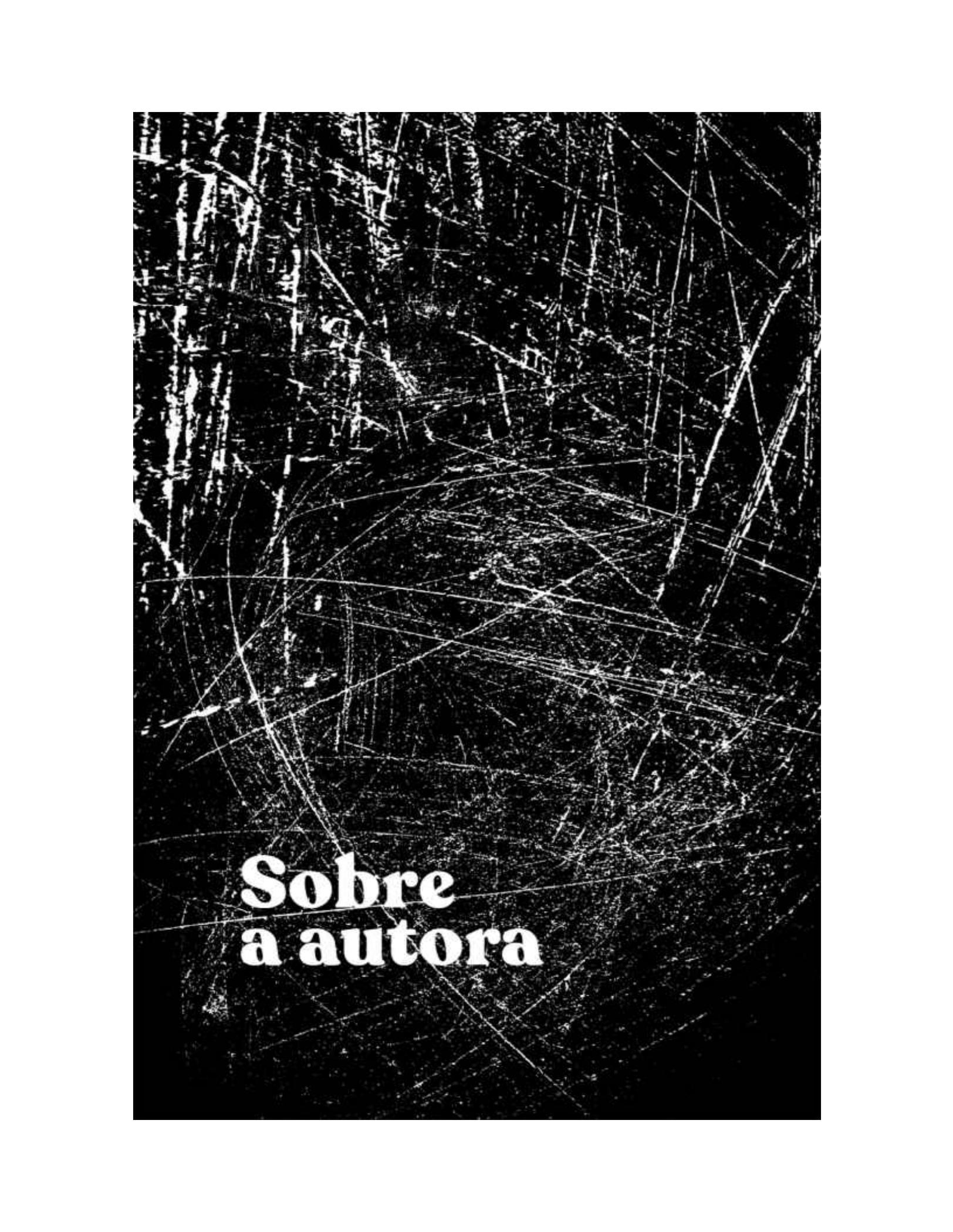
desceram para ver como estava. Doido de contente meu filho ergueu as mãos e as arrastou pelo vento, jogou pedras no rio. Eu disse para ele não fazer aquilo, que era perigoso, que o vento podia levá-lo embora, mas ele não me dá bola. Reclamei com meu marido, mas nada. Assim percorremos os quilômetros que separam minha casa no campo do outro lugar, já caído na apatia do passado. Eles me perguntaram como estava, se tinha feito amigos, se tinha lhes trazido algum presente. Eu tinha a cabeça nas nuvens, mas meu marido acelerou para que nos deliciássemos mais. Depois entramos no vilarejo e nos escoltaram como diante do altar. Ali estava tudo existindo de novo, os tratores, os barracões, os vizinhos fumando em suas portas. Entrei na minha casa, tudo reluzia, algumas coisas tinham mudado, o micro-ondas com a hora piscando, uma toalha de mesa bordada com flores de pétalas grandes, um telefone novo, agora sem fio, com caderneta. Sentei no sofá em frente à lareira. Os movimentos deles eram halos de luz. O reflexo da primeira faca com que sonhei voltou à minha mão. Se em vez de penitência houvesse sido uma internação, se em vez de casa de repouso tivesse sido um manicômio de verdade, não teria este facão na minha mão. Saí espantada, a porta de vidro que eu tinha atravessado agora tinha uma tela para mosquito. Abri e corri para procurá-lo, precisava encontrar a ponta de seus chifres. Meu cervo, cervinho do meu coração, cervo, tomara que você esteja aí.

a casa estava bem decorada, eu podia ficar orgulhosa de mim, bandeirinhas com carrinhos de bate-bate, a mesa com pratinhos de comida de festa, uma lembrancinha para cada convidado, o homenageado na estica. Cores estridentes, música, tudo o que dizem que é uma comemoração estava ali. Meu filhotinho já tem dois anos e na minha mente continuo fazendo força, está vindo, já saiu, já dá para ver a cabecinha. Para soprar as velinhas meu marido ficou atrás de mim e várias câmaras, apontar. Ali ficamos para a eternidade da foto, estampados, cercados. Depois o menino, porque já não é bebê, diziam, cuspiu o bolo de banana e chocolate e fugiu de mim. Corri atrás dele, o derrubei, beijei, cheirei, voltou a escapar e os filhos dos vizinhos brincaram de esconde-esconde, pega-pega, batatinha-frita-um-dois-três, porque aqui as brincadeiras não se modernizam. Eu me servi o resto de um vinhozinho do dia anterior, o sacudi e passei pelo aniversário como qualquer anfitriã, com o peito ungido. As outras mães me davam sua aprovação, de seus dentes pendiam fiozinhos de banana, tudo ia às mil maravilhas. Terminei meu vinho na rede e me servi outro, um restinho só, e depois outro e brindei a mim, ao aniversário que fui capaz de organizar. E não sei por que fixei o olhar num montinho de terra. De início não entendi. Fiquei olhando a terra como alguém olharia imagens do que aconteceu há milhares de anos, o passado observado a partir do presente. Depois o cachorro pulou em cima de mim e me cravou o dente. Ali embaixo estava o pobre *Bloodie*. Ali eu e meu marido o havíamos posto, mas só ao meio-dia, quando seus olhos já estavam cobertos de moscas. De modo que passou a noite toda com o tiro e sem enterro. As vísceras para fora. Tão morto ficou que nem latiu um último latido. E enquanto eu olhava seus restos ouvi a detonação. Os meninos passavam por cima de seu túmulo improvisado cantando e rindo de mãos dadas. E deve ter sido isso, o vinhozinho velho, ou as bocas melecadas de banana, mas ato contínuo bati a porta e me fechei. Morram todos. Como era de costume, bateu na porta. Amor, princesa, fofinha, mamãe, lindura, minha eguinha chucra, dizia, já nem sei quantos nomes tive. E eu nada. Tudo bem? E eu nada. Vem que os convidados já estão todos indo embora, não estraga tudo. Onde estão as lembrancinhas? E eu, morra, amor. E a mim pareceu ouvir *Bloodie* ladrar, grunhir atrás da

porta reclamando comigo por tê-lo assassinado. Abri de repente e saí, cruzei a sala de jantar onde já começavam os movimentos de despedida, a procura dos casacos perdidos, o choro dos meninos que não querem ir e subi no conversível. Acelerei, não sei se pus a primeira ou a terceira. Aonde você vai?, Tá doida? Você não tem carteira de motorista, ouvi já ao longe. É seu, te dou de presente, te dou embrulhado em papel de seda, você o merece mais que eu. Te dou. O nosso filho, disse, enquanto as pessoas saíam para ver o que estava acontecendo, rumorejando que eu estava doida de novo. Mais porteiros, mais ovelhas, mais galinhas amassadas no asfalto, mais moinhos abandonados, mais botes afundados nos lagos, mais chaminés soltando negrume, mais currais, até que parei. Saltei e entrei. Na janela estava sua princesa. Na casa, nada. Nem ele nem sua mulher. Nem rastros de ninguém. Teriam abandonado sua filha especial? Entrei em todos os quartos, olhei a cama na qual trepam, olhei seu banheiro, sua escova de dentes, olhei para tudo o que ele olha desde a hora que se levanta, me larguei em sua poltroninha bordada na sala de estar. Lá em cima a filha gemia. Lá embaixo o tique-taque de um relógio de pé. Caí no sono e sonhei com o ruído oco e doce de um chifre, com suas costas deitadas, com seu pelo grudado em meu couro, até que ouvi umas risadinhas. Ali vinham eles pelo caminho com cestas transbordando de cogumelos. Eu já era passado? Saí para esperá-los. A mulher me olhou assustada. Ele a mandou com um gesto subir para ver a menina e me puxou pelo braço. Caminhamos cinquenta metros, talvez mais. Frente a frente não dissemos nada, que nojo falar. Nós nos beijamos. Vi seus traços transformados, talvez olhasse alguma das minhas marcas do vidro. Minha língua na sua língua foi um calmante, eu sabia que era por isso, para isso que ele estava me beijando. Foi tão poderoso esse beijo, esse gosto de sangue salgado, essa suspensão da morte a seco. Então chegou meu marido com uma moto pequena demais para ele que fazia com que parecesse que tinha catorze anos. Meus dois touros, meus cavalões, meus peões juntos. Entre homens se entenderam com sinais e foram embora para o campo aberto, pararam em um ponto onde eu não os podia escutar. Vi a sombra dos dois, o relevo desses corpos confrontados. Na janelinha estavam mãe e filha, uma mais branca que a outra. Aí os observei prontos para o duelo, mas depois tudo se acalmou e foi como se se tratasse de um reencontro entre irmãos falando da infância na casa da família, de como saldar as dívidas de pais mortos. Enquanto anoitecia sobre a cabeça deles, o corpo de cada um ia se tingindo. Caía

sobre eles uma chuva fina e constante. Falavam enquanto minha vida ia e vinha. Não sei o que diziam, já não levantavam a voz, parecia que se entendiam pelo modo com que se mexiam para os lados, como se rezassem, com que afirmavam com um leve movimento de cabeça. Um deles bocejou. O outro riu. Tinham chegado a um acordo. Os siameses se desgrudaram e um veio na minha direção. Tremi, qual seria. Como num mercado negro, quem seria meu comprador. O que seria da minha vida, em que lar, como me chamaria, quem teria se decidido por mim. Tossiu e eu soube que era meu marido, o mais fiel. Fomos até o carro sem teto, em silêncio. Um silêncio mais calado do que todos os vividos. Na viagem sob a chuva descobri uma fileira de ciprestes, é nova?, perguntei. Está aí desde sempre, disse. Não parou na porta de casa, mas pude ver que a festa tinha terminado pelos balões azuis que voavam sobre o parque minado. O bebê está dormindo lá dentro? Não é mais bebê, disse. Mas eu entendi, seu bebê. Entramos no bosque deixando na terra marcas de rodas. Havia poucos animais acordados. O cervo não aparecia e, por outro lado, ali estava eu. Desligou o motor, relaxou, soltou um ar retido por tempo demais. Bom, o que você quer fazer? Esperava qualquer coisa menos uma pergunta. Pensei que o resultado era positivo ou negativo, que me diria quanto tempo ainda tinha, em semanas, em dias. Pensei que choraria. Mas uma pergunta, isso, não. O que você diz? Mas eu não pude dizer nada, coitado. E fez uma pausa durante a qual a minha vida toda foi um assobio agudo. O bosque eram árvores como tigres erguidos. Não vou conseguir esquecer, disse, e pela primeira vez foi solene. Silêncio, mais sufocado que o de antes. Um zumbido grudado em meus ouvidos caiu com a velocidade de um pássaro morto. Não era possível fazer nada depois desse olhar, o que me toca acrescentar agora. Quando viu que eu não ia entrar na briga, disse, acendendo um cigarro, além do mais, eles estão esperando um filho. Bom, dois, porque são gêmeozinhos. E ainda que tenhamos tentado ficar sérios, caímos no riso, não sei por quê, com a palavra gêmeozinhos. E se a gente tiver um? Outro filho, perguntou, sufocando numa tosse. E voltamos a estourar de rir. Mais um filho, nós. Ali ficamos os dois pela última vez rindo às gargalhadas como um casal feliz. Desci sem abrir a porta, era um modelo prático para separações. Ele deu meia-volta e me viu me perder entre o matagal. O primeiro momento foi de pura dor. Esse tipo de dor que não se divide nem consigo mesma. Fiquei de luto por muito tempo, mas passado um tempo tive, como a viúva quando põe a chave na porta de casa

pela primeira vez, como a viúva quando se deita sozinha pela primeira vez,
uma tristeza excitante, selvagem.



**Sobre
a autora**

Ariana Harwicz nasceu em Buenos Aires, em 1977. Estudou roteiro e teatro na Argentina, graduou-se em Artes Cênicas pela Universidade Paris VII e obteve o mestrado em Literatura Comparada pela Sorbonne. Deu aulas de roteiro e escreveu duas peças. Dirigiu o documentário *El Día del Ceviche* [O Dia do Ceviche], exibido em festivais internacionais. Mora com a família em uma pequena cidade perto de Paris.

Morra, amor, publicado originalmente em 2012, é seu livro de estreia e a primeira parte de uma trilogia “involuntária”, chamada por Harwicz de “trilogia da paixão”, uma vez que os livros exploram a relação entre mães e filhos. Dela também fazem parte os romances *La débil mental* [A débil mental], de 2015, e *Precoz* [Precoce], de 2016. *Morra, amor* foi adaptado para o teatro na Argentina e em Israel e obteve grande reconhecimento da crítica internacional, com a edição em inglês sendo indicada, em 2018, ao Man Booker Prize. Harwicz também é autora de *Degenerado* (2019).

Comparada a Virginia Woolf e Nathalie Sarraute, Harwicz é uma das figuras mais radicais da literatura argentina contemporânea. Sua prosa é caracterizada por violência, erotismo, ironia e crítica aos clichês que envolvem as noções de família e as relações tradicionais.

© 2019 Editora Instante

MATATE, AMOR by Ariana Harwicz. Copyright © 2012 by Ariana Harwicz

Publicado sob acordo especial com Literarische Agentur Michael Gaeb e Villas-Boas & Moss Agência Literária. Todos os direitos reservados.

Direção Editorial: **Silvio Testa**

Coordenação Editorial: **Carla Fortino**

Revisão: **Andressa Veronesi** e **Andréa Vidal**

Capa: **Fabiana Yoshikawa**

Tratamento de Imagem: **Aldo Macedo**

Diagramação: **Estúdio Dito e Feito**

Conversão para e-book: **Joana De Conti**

Imagens: **Shanina/Getty Images/iStock** (capa e 4ª capa)

1ª Edição Impressa: 2019

1ª Edição Digital: 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Laura Emília da Silva Siqueira CRB 8/8127)

Harwicz, Ariana.

Morra, Amor / Ariana Harwicz ; tradução, Francesca Angiolillo. 1ª ed. – São Paulo: Editora Instante : 2019.

Tradução do original “Matate, amor”.

ISBN do impresso: 978-85-52994-15-2

ISBN do digital: 978-85-52994-16-9

1. Literatura argentina 2. Literatura argentina: romance I. Harwicz, Ariana

CDU 821.124 CDD 868.9932

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura argentina

2. Literatura argentina: romance

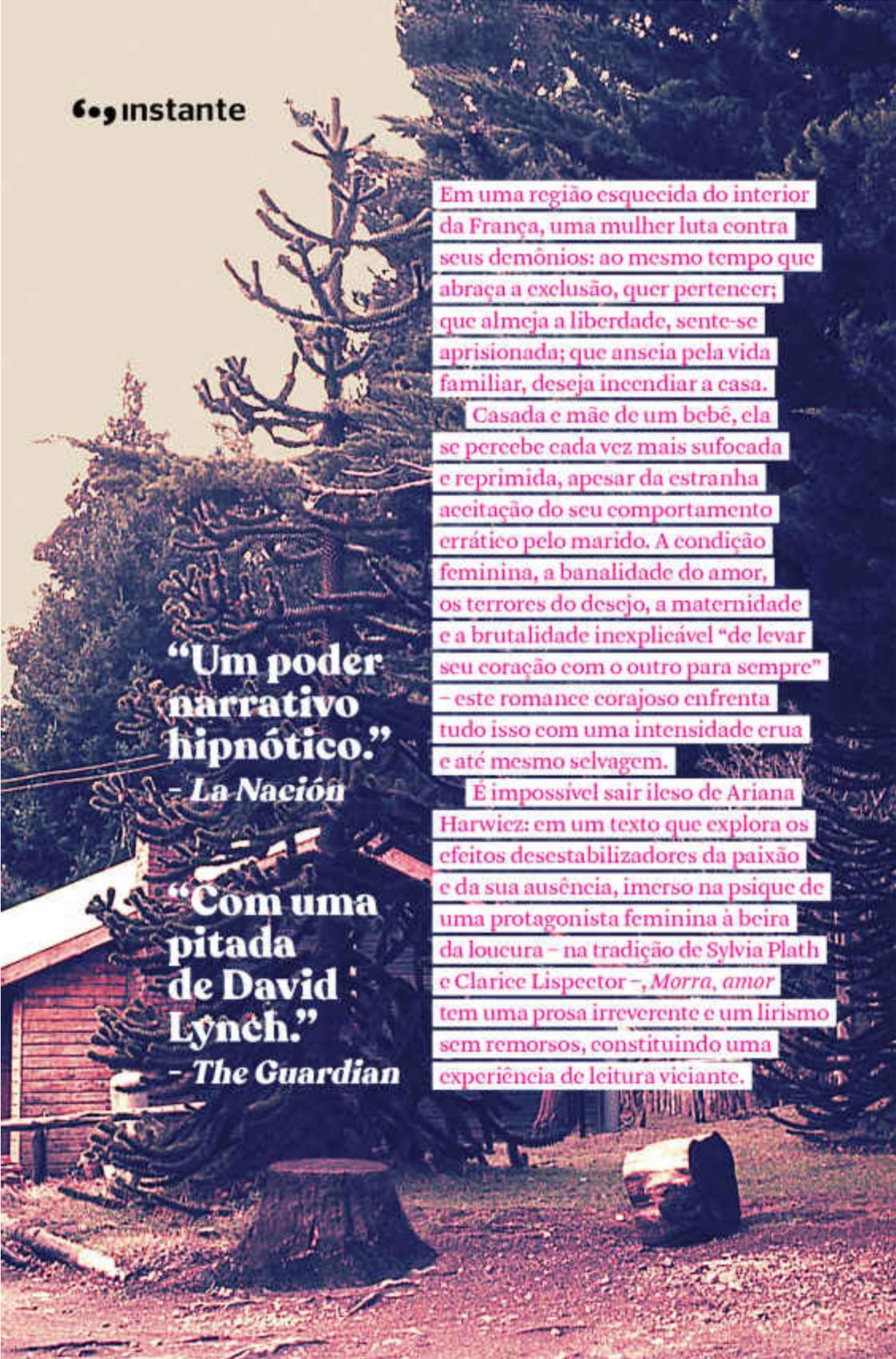
Atualização de ortografia conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil a partir de 2009.

www.editorainstante.com.br

facebook.com/editorainstante

instagram.com/editorainstante

Morra, amor é uma publicação da Editora Instante.



69 instante

“Um poder narrativo hipnótico.”

- *La Nación*

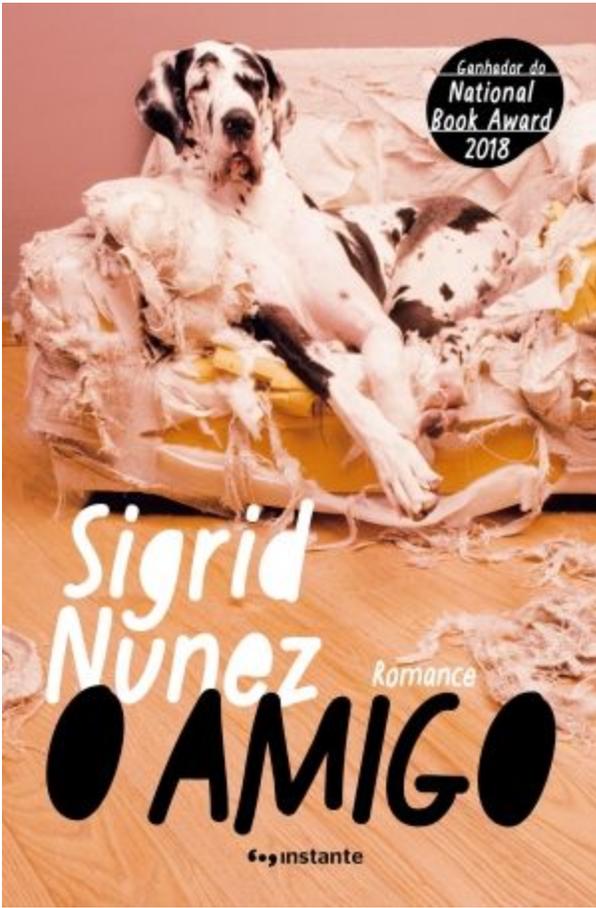
“Com uma pitada de David Lynch.”

- *The Guardian*

Em uma região esquecida do interior da França, uma mulher luta contra seus demônios: ao mesmo tempo que abraça a exclusão, quer pertencer; que almeja a liberdade, sente-se aprisionada; que anseia pela vida familiar, deseja incendiar a casa.

Casada e mãe de um bebê, ela se percebe cada vez mais sufocada e reprimida, apesar da estranha aceitação do seu comportamento errático pelo marido. A condição feminina, a banalidade do amor, os terrores do desejo, a maternidade e a brutalidade inexplicável “de levar seu coração com o outro para sempre” – este romance corajoso enfrenta tudo isso com uma intensidade crua e até mesmo selvagem.

É impossível sair ileso de Ariana Harwicz: em um texto que explora os efeitos destabilizadores da paixão e da sua ausência, imerso na psique de uma protagonista feminina à beira da loucura – na tradição de Sylvia Plath e Clarice Lispector –, *Morra, amor* tem uma prosa irreverente e um lirismo sem remorsos, constituindo uma experiência de leitura viciante.



O amigo

Nunez, Sigrid
9788552994107
216 páginas

[Compre agora e leia](#)

Após o suicídio do melhor amigo, uma mulher solteira de meia-idade começa a narrar o que se passou depois de sua morte. Essa foi a maneira que ela, escritora e professora universitária de escrita criativa, encontrou para lidar com o luto. Nessa espécie de diário ou conversa dirigida ao amigo, reflete sobre literatura, a arte de escrever e o meio literário, além de relembrar o que aprendeu e viveu com o ex-professor e mentor. Ela não esperava, porém, que o amigo lhe deixaria uma herança inusitada: Apolo, um dogue alemão gigantesco, idoso e traumatizado com a ausência do dono. Ao adotá-lo, ela passa a viver sob a ameaça de despejo, porque o prédio em que mora há mais de trinta anos não aceita cachorros. Enquanto os mais próximos temem que essa conjuntura a tenha mergulhado em uma depressão profunda, a mulher, cada vez mais isolada do mundo e obcecada com o bem-estar de Apolo, que já não dispõe de muito tempo de vida, recusa-se a se separar do novo amigo, pois vê nesse vínculo a única chance de redenção para ambos. O amigo é, ao mesmo tempo, uma meditação sobre o amor, a amizade, a perda e o luto e um relato tocante sobre a ligação especial entre uma mulher e um cachorro.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Morra, amor](#)

[Sobre a autora](#)

[Créditos](#)